

ÀS MARGENS DO SENTIR

A MÍDIA E A COMPREENSÃO DO OUTRO

LILIANE FEITOZA



ÀS MARGENS DO SENTIR

A MÍDIA E A COMPREENSÃO DO OUTRO

LILIANE FEITOZA

Editor: Lécio Cordeiro.

Projeto gráfico, editoração eletrônica e ilustrações: Box Design Editorial.

Capa: Felipe Moura.

Ilustração da capa: Cadu Loureiro.

Revisão de Texto: Suélen Franco.

Coordenação editorial:



Avenida Doutor Rinaldo de Pinho Alves, 2680

CEP: 53411-000 – Paratibe – Paulista/PE

Tel.: (81) 3447.1178

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Fizeram-se todos os esforços para localizar os detentores dos direitos dos textos contidos neste livro. A Editora pede desculpas se houve alguma omissão e, em edições futuras, terá prazer em incluir quaisquer créditos faltantes.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

F311a Feitoza, Liliane

Às margens do sentir : a mídia e a compreensão do outro : 9º ano : ensino fundamental / Liliane Feitoza ; ilustrações Box Design Editorial. – Recife : Prazer de Ler, 2019.

48p. : il.

Inclui referências.

1. COMUNICAÇÃO DE MASSA – ENSINO FUNDAMENTAL. 2. MÍDIA (PUBLICIDADE) – ESTUDO E ENSINO. 3. MÍDIA SOCIAL – ESTUDO E ENSINO. 4. JORNALISMO – LINGUAGEM. 5. TELEJORNALISMO – LINGUAGEM. 6. JORNALISMO – ARTE DE ESCREVER. 7. COMUNICAÇÕES MULTIMÍDIA – ASPECTOS EDUCACIONAIS. 8. INTERTEXTUALIDADE. I. Box Design Editorial. II. Título.

PeR – BPE 19-159

CDU 659.3
CDD 302.2

ISBN: 978-85-8168-702-5

Impresso no Brasil

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Ao abrir um *site* de notícia, acompanhar um telejornal ou ler um jornal impresso, vemos-nos diante de vários retratos da realidade. Há inúmeros textos sobre política e economia, o cotidiano dos chefes de governo e a rotina de pessoas famosas. Também há informações sobre crimes, desastres e doenças. Mas o quanto há de nós nos jornais? O quanto há sobre o cotidiano de pessoas simples, sobre suas dificuldades e alegrias? Será que nada disso interessa?

Neste livro, faremos um passeio pelos temas e pelas formas de dizer do jornalismo. Aprenderemos sobre a formação de uma identidade textual e a necessidade de ir além dessa identidade para melhor retratar o mundo. Também falaremos dos textos e das palavras como pontes capazes de transmitir sentidos e experiências e de conduzir ao conhecimento do outro.

Ao longo da narrativa, vamos questionar a separação entre razão e afetos com o auxílio de alguns pensadores para esclarecer que esses dois aspectos não estão tão separados como pode parecer. Ao modificar nossos olhares sobre os afetos que formam o mundo, permitimo-nos também transformar nossa compreensão dos outros e de nós mesmos. Este livro, por fim, não deseja transmitir conceitos ou verdades, deseja apenas fazer pensar sobre o sentir e o compreender.

Dedico este livro aos que descobrem tempo para contar e escutar histórias.

Liliane Feitoza

Às margens do sentir: a mídia e a compreensão do outro

🔍 Escaneie o QR CODE

Jornalismo e emoções



Apurando os fatos



Sabemos que o nosso sistema de saúde possui problemas e que, pela falta de dinheiro, pessoas podem morrer de doenças que há muito tempo foram erradicadas. Sabemos também que, enquanto alguns descartam bens novos ou quase novos, outros passam a vida sonhando com a posse de objetos básicos, até usados. Da mesma forma, temos conhecimento de que as árvores fazem fotossíntese e que um mais um é igual a dois. Mas o que realmente sabemos? E como sabemos?

Sabemos como quem observa de longe, como quem não desconhece. Mas não como quem vive. A experiência real e completa só possui quem passa pelas situações, mas não é só essa parte da realidade que ignoramos. Desconhecemos a existência dos diferentes, suas vozes e narrativas.

Não é pela impossibilidade de comunicar que desconhecemos. Nosso planeta é atravessado por redes, cabos, satélites e sinais que atingem nossos celulares e computadores. No entanto, como lembra o antropólogo Edgar Morin, mesmo com tudo isso, a incompreensão permanece geral. A comunicação triunfa, mas não o entendimento. A compreensão intelectual está presente. Ela é esse saber de que falamos primeiro, o saber que permite reconhecer que algo existe. Não é nessa compreensão que estamos interessados agora, e sim naquela aprofundada do outro, do que sente e de como vive.

O jornalista brasileiro Muniz Sodré explica que a origem da palavra *compreender* vem do latim (*cum-prehendere*) e significa agarrar as coisas com

as mãos, tocá-las e senti-las como se estivéssemos segurando-as junto a nós. É desta compreensão que falaremos: da que não se alcança por uma explicação formal, pela aplicação de um conceito ou fórmula, mas que gera um vínculo, uma relação de afeto. Compreendemos a realidade do outro quando permitimos a ele dizer o que sente e quando nos permitimos sentir.

Diante disso, uma pergunta: estamos mais próximos da Lua ou do morador de rua pelo qual passamos? Se a pergunta estivesse interessada na distância física, a única resposta correta seria que estamos mais próximos do morador de rua, seja um que habita a nossa cidade, seja qualquer outro, em qualquer país. Mas, pensando nessa proximidade como atenção ou desejo de compreender, talvez a Lua esteja mais perto.

Conhecemos a Lua como astro no Sistema Solar, conhecemos sua movimentação, nomeamos suas fases. Também a utilizamos como cenário de ficções e aventuras. E lhe atribuímos sentidos românticos. Mas quais os sentidos e significados das pessoas que estão nas ruas? Em que momento olhamos para elas com atenção? O quanto esta-

mos interessados em compreender essas pessoas?

Quando o interesse de compreender existe, a palavra é um instrumento valioso. A comunicação pode ser utilizada não só para transmitir uma **ideia** ou um acontecimento, mas também para despertar sentidos. Diante de um livro, uma poesia, um filme ou uma música, por exemplo, podemos não só tomar conhecimento da história contada, mas também nos emocionar. Ficamos felizes ou tristes com um desfecho, gargalhamos ou choramos, arrepiamo-nos ou sofremos um susto. Tudo isso porque as palavras podem fazer mais do que representar objetos, elas podem conectar emoções, podem nos afetar.

O modo como algo é dito faz a diferença. Pode nos prestar mais ou menos atenção e estar ou não conscientes do significado do que se informa. A palavra pode ser um recipiente que tenta estar vazio de emoções, transportando apenas a informação, ou pode ser um copo transbordante, que conecta e constrói uma relação de afeto entre quem escreve e quem é retratado e, mais tarde, outra relação entre quem lê e o que é lido.

Vejamos os dois exemplos de texto a seguir.

Exemplo 1

Catadores se alimentam de lixo descartado em aterro de João Pessoa

Uma fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), nesta segunda-feira (23), identificou catadores trabalhando em situações insalubres em aterro localizado na cidade de João Pessoa, mas que atende também a outras cidades da Região Metropolitana da capital.

Durante a fiscalização, que continua nesta terça-feira (24) em aterros de Guarabira e Campina Grande, o Ibama flagrou a chegada de um caminhão, chamado pelos catadores de “borreia”, que traz dos supermercados alimentos que não servem mais para o consumo e deposita-os no aterro. Os trabalhadores retiram tudo que podem aproveitar e levam para a mesa de casa ou cozinham no próprio aterro.

Na área de triagem, o lixo que chega das ruas é separado pelos catadores que fazem parte de uma associação. Trabalham sem nenhum equipamento de proteção. As luvas que alguns ainda utilizam, segundo os trabalhadores, foram encontradas no meio do próprio lixo que chega e passa pela esteira.

[...]

Por Hebert Araújo, TV Cabo Branco — João Pessoa, replicado por G1 em 24 de abril de 2018.

Fonte: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/catadores-se-alimentam-de-lixo-descartado-em-aterro-de-joao-pessoa.ghtml>

Exemplo 2

O bicho

(Manuel Bandeira)

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.)



Os dois textos falam de pessoas que se alimentam do que foi considerado lixo por outros. O primeiro é um texto jornalístico padrão, o que podemos afirmar não só pelo *site* de onde foi retirado, mas também pela forma de contar a história. O segundo texto, por sua vez, faz parte da obra do poeta Manuel Bandeira.

Por mais que os dois autores se voltem para o mesmo tema, eles possuem objetivos diferentes. O primeiro informa que pessoas de determinado lugar se alimentam de produtos achados no lixo (que “não servem mais para o consumo”, das pessoas que podem pagar), o segundo não traz apenas essa informação, mas principalmente um espanto e uma revolta pelo fato de pessoas precisarem se alimentar do descarte de outras, como fazem alguns bichos.

O centro da diferença está na forma como os

dois autores usaram as palavras que tinham à disposição e na função atribuída aos gêneros com que trabalham. Enquanto a poesia parece ser, por excelência, o texto interessado em movimentar afetos e sentimentos, o texto jornalístico, normalmente, parece tentar fugir dessa possibilidade e tratar a palavra como um recipiente vazio.

Neste livro, seguiremos por um caminho diferente e refletiremos sobre o lugar dos afetos e sentimentos nos textos transmitidos pela mídia, precisamente nos textos jornalísticos. Estamos interessados em reconhecer a história e a identidade desse tipo de texto. Adiante, vamos nos voltar para experiências que vão além dessa identidade e, por fim, vamos destacar a necessidade social desses afetos ou, em outras palavras, a importância de compreender e ser afetado pela existência do outro.



Escaneie o QR CODE

*Brumadinho é maior
acidente de trabalho já
registrado no Brasil*

O modo de dizer do jornalismo

Você chega em casa, e sua mãe o chama pelo nome completo. Isso mesmo, com-ple-to! E não é só, ela ainda diz: “Venha até o meu quarto, por favor. Precisamos conversar”. Nada de abreviaturas, ela não disse “Vem cá”. Também não disse “Quero te dizer uma coisa”, mas falou de maneira pausada e séria. Pela experiência, sabemos que nada de bom pode vir desse chamado.

Pensando apenas nas palavras usadas, não há muita diferença entre o “Venha até o meu quarto, por favor” e o “Vem cá” ou entre o “Precisamos conversar” e o “Quero te dizer uma coisa”. As duas primeiras sentenças realizam um chamado, e as duas últimas esclarecem que a função desse

chamado é uma conversa. Na prática, porém, sabemos que o modo de dizer algo ou o tom adotado (esse tom em que você imaginou sua mãe usando para chamá-lo pelo nome completo) podem modificar completamente o sentido despertado.

Isso acontece porque a linguagem é uma atividade social, e o significado de cada palavra não depende apenas de sentidos fixos e localizados em um dicionário, mas do uso que fazemos deles. Por isso, é comum utilizar metáforas, analogias, ironias e muitos outros recursos de adaptação da linguagem ao ambiente social e ao contexto em que estamos.

Pense na seguinte frase: “Você está muito bonito, deveria adotar esse visual!”. Como contexto, imagine alguém no provador de uma loja, enquanto experimenta uma roupa que pensa em comprar. Na situação, a frase parece significar que quem observa achou que a pessoa ficou bem na roupa e que deveria comprar o traje. Por sua vez, se essa frase fosse dita a uma pessoa que acabou de cair em uma poça de lama e se sujado inteiramente, o significado seria outro.

Nesse caso, dizer que a pessoa deveria adotar o visual pode ser entendido como uma brincadeira ou uma provocação cujo significado é diferente do uso mais comum, mas ainda assim é bem fácil de entender. Se um amigo tivesse dito isso a você, ao vê-lo todo sujo de lama, você, certamente, não imaginaria que ele está lhe sugerindo que caia numa poça de lama diariamente. Compreendemos, a partir do contexto, que existe outro sentido sendo adotado.

Essa adaptação da linguagem e do modo de utilizá-la não acontece apenas em situações como essas. Na sociedade, usos específicos da língua são uma forma de criar identidades para grupos e de diferenciar atuações. Entre profissionais, por exemplo, é comum que se desenvolva um modo específico de falar. Policiais, médicos e advogados demonstram bem

essa afirmação. Por mais que todos falem um mesmo idioma, as diferenças (incluindo termos específicos ou ainda gírias e expressões, o famoso **jargão**) podem fazer com que pessoas de fora do grupo não entendam o que está sendo dito.

Com os jornalistas, profissionais dos quais queremos falar, a linguagem do grupo tem algumas particularidades. Por mais que também existam gírias e expressões específicas, elas não costumam aparecer. Os jornalistas são comunicadores, logo sua função é transmitir informações de maneira acessível a pessoas de diferentes grupos, por isso não podem utilizar a linguagem de uma maneira que apenas poucos entendam. Ao contrário, o modo de falar do jornalista tenta ser o mais claro possível, além de tentar ser simples, curto e direto.

Mas isso não é tudo, outros profissionais também se esforçam para ser claros, diretos, simples e concisos. A diferença é que, no jornalismo, a busca por essas características ganha um formato especial. Esse formato costuma ser identificado pelo **lead**, ou **lide**.

O lide é a primeira parte de uma notícia e procura responder a seis perguntas essenciais: **quem?** Fez **o quê?** **Quando?** **Onde?** **Por quê?** **E como?** Algumas vezes as perguntas “Por quê?” e “Como?” não conseguem ser respondidas, mas as

Jargão

Quando falamos que determinados grupos ocupacionais, apesar de falarem o mesmo idioma que nós, podem não ter muitos dos seus diálogos compreensíveis por quem não pertence ao grupo, estamos nos referindo ao **jargão**, um conjunto de termos característicos de determinado grupo social ou ocupacional. É um importante elemento da cultura ocupacional, demarcando pertencimento: o jargão de determinada profissão (o “juridiquês”, por exemplo, compartilhado por profissionais da área jurídica) facilita o entendimento entre os pares, ou seja, entre aqueles que partilham a mesma profissão, porém pode ser de difícil acesso àqueles que não pertencem ao grupo ocupacional.

Em muitas situações, o jargão pode constituir uma barreira ao entendimento entre as partes: por exemplo, imagine que um médico tentasse dar orientações a um paciente usando apenas o jargão técnico da profissão dele. Dificilmente haveria um entendimento entre o profissional e o usuário dos serviços. Por isso, existe uma preocupação em tornar viável e fluido o diálogo entre os diversos profissionais — médicos, policiais, advogados, jornalistas — e a sociedade beneficiada dos seus serviços, no sentido de fazer da fala e da escrita pontes, e não barreiras.

quatro primeiras raramente estão ausentes. Essas perguntas essenciais, mesmo que organizadas de maneira diferente (o jornalista pode decidir começar com o onde ou com o quando, por exemplo) e adaptadas aos mais diversos assuntos, fazem com que identifiquemos o texto como jornalístico.

Se alguém liga a tevê e escuta um texto jornalístico sendo lido, não demora para reconhecê-lo como tal. Veja o exemplo:

“Um morador de Espírito Santo do Dourado (MG) gravou um vídeo que mostra uma ‘chuva de aranhas’ em uma propriedade na zona rural. Nas imagens, é possível ver vários pontos pretos em uma teia gigante, suspensa nas árvores, na fiação elétrica e em postes. O registro foi feito pelo jovem João Pedro Fonseca. Ele observou o fenômeno durante uma visita à casa da avó, no bairro rural Ibirissu, no início do mês. [...]”
Retirado do G1 em 10 de janeiro de 2019.

Utilizar o lide para identificar os elementos também é uma tarefa simples. Vejamos:

O **quem** da notícia é identificado, de início, como “Um morador de Espírito Santo do Dourado (MG)” e, em seguida, como o “jovem João Pedro Fonseca”.

O **o quê** é a gravação de um vídeo em que aparece a “chuva de aranhas”.

O **quando** é o “início do mês”, que toma como referência o mês de divulgação do material, janeiro de 2019.

O **onde** é a cidade do morador, Espírito Santo do Dourado, no bairro rural de Ibirissu.

Também chega a aparecer um **como** para o aparecimento da chuva de aranhas, que é “uma teia gigante, suspensa nas árvores, na fiação elétrica e em postes”.

O **porquê** de tudo isso aparece na parte seguinte do texto, explicado por uma bióloga.

Depois do lide, podem aparecer aprofundamentos, como a reação de pessoas, a fala de mais especialistas, problematizações ou acréscimos diversos, mas nesse ponto o essencial já foi informado, e a identidade jornalística já foi garantida. Essa identidade está tão consolidada que mesmo alguém que nunca estudou a estrutura da notícia consegue reconhecer e reproduzir grande parte dos seis elementos mencionados.

Por outro lado, nem sempre os jornalistas es-

creveram utilizando essa estrutura. Na verdade, o lide faz parte de um conjunto de modificações que transformaram o modo de fazer jornalismo. Quanto à época, essas modificações datam do século XIX, o período em que surgiu a profissão de jornalista e em que a informação passou a ser percebida amplamente como um produto capaz de ser vendido.

Antes das modificações, que foram motivadas por questões econômicas, políticas, sociais e tecnológicas, o mais comum era que os jornais estivessem ligados a grupos ou causas políticas e que existissem para defender abertamente um dos lados da discussão. Ao mesmo tempo que existiam outros jornais, produzidos por pessoas com opiniões contrárias.

Com as modificações, especialmente graças aos motivos econômicos, o jornalismo passou a ser visto menos como espaço para a defesa de uma **ideia** e mais como uma empresa, interessada em vender jornais para todos. Como essas empresas queriam atingir o maior número de pessoas possível, o texto deixou de priorizar as opiniões, como faziam os jornais anteriores, e passou a se dedicar mais a informações e descri-



ções de acontecimentos.

Outra modificação importante é que, antes desse período, ser jornalista não era uma profissão. O mais habitual era que qualquer pessoa capaz de escrever um bom texto, como um literato, um poeta, um advogado, ou qualquer intelectual trabalhasse em jornais. Durante muito tempo, era comum dizer que trabalhar em um jornal era o caminho para duas outras áreas: a literatura ou a política. Ou seja, dizia-se que as pessoas que trabalhavam em jornais, em geral, estavam treinando para entrar na política ou para poder viver de literatura.

Realmente, ao estudar história ou literatura, encontramos muitos nomes de intelectuais que conhecemos por outros motivos, mas que tiveram o jornalismo como uma de suas atividades. É o caso de José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac e Lima Barreto. Só com o tempo, o jornalista passou a ser considerado como uma profissão em particular, que exigia uma competência e uma formação diferente da dos escritores em geral.

Essas duas diferenças ajudaram a consolidar o lide como o modo de falar do jornalismo. A primeira porque via nessa forma de organizar o acontecimento um modo de se afastar das opiniões e focalizar os fatos, e a segunda porque encontrava no lide uma narrativa capaz de

identificar o jornalismo e separá-lo do texto literário.

Lide, informação e objetividade

Para fugir das opiniões e se fixar nas informações, as empresas jornalísticas passaram a reduzir os textos reflexivos e a dar maior importância aos que narravam ou descreviam acontecimentos. O interesse maior era contar como os fatos tinham se desenrolado, e não refletir sobre motivações ou consequências. Sobre o tempo, essa modificação gera menos interesse no que veio antes (no passado) e no que virá depois (no futuro). O jornalismo passou a dar prioridade à informação que acontece no agora, ou seja, no tempo presente.

Em busca de produzir um texto focado na atualidade e nos fatos, sem a influência das opiniões, o jornalismo se inspirou no pensamento científico da época: a corrente positivista. O **positivismo** foi um conjunto de **ideias** dominante no período e que acreditava na possibilidade de alcançar conhecimentos objetivos, refletindo a realidade exatamente como ocorreu, desde que fossem utilizados métodos precisos de investigação.

Os métodos positivistas foram, então, o ponto de partida de muitas técnicas e princípios jornalísticos. Os princípios da objetividade e da imparcialidade (ainda hoje importantes) e a

crença de que o jornalista poderia ser um observador neutro (como também se acreditava que cientista era) são de inspiração positivista. Isso porque a tradição positivista defendia um necessário distanciamento entre a subjetividade do observador/investigador e o objeto de estudo/investigação. Dessa época, surge o interesse de fazer um jornalismo mais preocupado com a exatidão do que com a emoção e com os afetos.

Tanto foi assim que uma das primeiras teorias do jornalismo que tentaram explicar as notícias foi a **teoria do espelho**. Nela, acreditava-se que o jornalismo era como um espelho da realidade, capaz de refletir perfeitamente um acontecimento, sem a influência das crenças pessoais do jornalista ou de qualquer uma das partes envolvidas. Ou seja, acreditava-se no distanciamento entre a subjetividade do jornalista (observador) e o objeto abordado.

O que queremos dizer, com toda essa explicação, é que o modo de falar do jornalista não é aleatório, nem surge do nada. Ele é, na verdade, um reflexo do modo de fazer, que, por sua vez, reflete os conhecimentos positivistas, que eram muito importantes na época do surgimento do jornalismo.

Se observarmos o lide e suas perguntas com atenção, veremos que elas marcam uma relação entre o jornalista e o fato.

Todas as seis perguntas (Quem? O quê? Quando? Onde? Por quê? Como?) se referem ao fato e deixam preestabelecida certa fórmula de ação para guiar o jornalista (bem como existem fórmulas na matemática, na física ou na biologia). Assim, além de ser uma forma de escrever, o texto é também a marca de uma forma de agir e de tratar a realidade.

Lide e identidade jornalística

Mesmo depois da separação que marca o surgimento do jornalismo como empresa e do jornalista como profissão, a relação entre literatura e jornal continuou firme. Muitas obras clássicas da nossa literatura foram divulgadas como folhetins, antes de serem publicadas integralmente como livros.

Os **folhetins** eram narrativas ficcionais publicadas diariamente nos jornais. Em cada edição, juntamente com às seções que traziam informações, havia espaços dedicados à literatura que publicavam pedaços de uma história. Era como se, a cada dia, ao comprar o jornal, você recebesse também um capítulo de um romance, que precisaria ser complementado com o capítulo publicado no dia seguinte, no jornal do outro dia.

Para a venda do jornal, essa estratégia era muito positiva. Era uma forma de tornar os leitores da obra literária também fiéis à

compra do jornal. Mas, com relação ao estilo, essa proximidade entre jornalismo e literatura pedia limites. Já que literatura e jornalismo compartilhavam as mesmas páginas de jornal, era preciso deixar bem marcada a separação entre o texto informativo e o texto de ficção.

Para isso, o modo de dizer contido no lide também era útil. Com aquele tipo de narrativa, que não é a mesma utilizada em poesias e romances, por exemplo, ficava marcada também a diferença entre jornalismo e literatura e criava-se um tipo de texto específico para o grupo dos jornalistas. Ou seja, o lide servia para diferenciar e para criar uma identidade.

Na atualidade, a estrutura do lide é muito utilizada na produção de **notas** e **notícias** (gêneros jornalísticos de menor tamanho) e algumas vezes nas **reportagens**, mas também existem outros tipos de texto jornalístico que não costumam utilizar essa fórmula.

Entre os que não utilizam, estão crônicas, artigos, colunas, editoriais e comentários. Esses gêneros jornalísticos são classificados como **opinativos** e deixam claro que a separação entre jornalismo e opinião não ocorreu por inteiro. Ainda assim, é importante deixar esclarecido que, mesmo sendo influentes, os gêneros opinativos não costumam ser considerados como os mais importantes.

Não são os textos de opinião que costumam aparecer nas manchetes, capas, *home pages* ou nos espaços de destaque dos telejornais, mas, sim, os textos com teor mais informativo. Também não são os cronistas ou analistas os jornalistas mais aclamados, e sim o repórter, o investigador e o apresentador, ou seja, aqueles que apuram, descobrem ou transmitem as informações.

Para finalizar, é preciso balancear vantagens e desvantagens trazidas por esse tipo de texto para o trabalho jornalístico. Do lado

Notas, notícias e reportagens

Notas e notícias são gêneros do jornalismo informativo, ou seja, são tipos de textos em que o objetivo do jornalista é expor um fato ou acontecimento, sem acréscimo de opiniões ou análises. A **nota** é o mais curto dos dois e geralmente se atém às informações do lide. A **notícia**, mais extensa que a nota, além do fato recém-ocorrido, costuma oferecer informações adicionais, tais como descrições da situação ou falas das fontes.

Por sua vez, a **reportagem** é produzida quando é preciso somar o fato a uma explicação mais ampla. Assim, por mais que as reportagens também possam ser classificadas como um gênero do jornalismo informativo, elas costumam apresentar análises e ser fruto de uma pesquisa mais aprofundada, expondo uma forma de interpretar a realidade. Quanto ao tamanho, a reportagem precisa de mais espaço do que a nota e a notícia.

positivo, podemos listar a rapidez, a precisão e o critério. Ter um modelo **semiestruturado** do que deve estar presente no texto ajuda o jornalista a ser mais rápido no seu trabalho, pois, no lugar de perguntar como checar ao acontecimento, o jornalista já possui um roteiro do que fazer.

Nas mais diversas situações, os profissionais já sabem como agir, isto é, precisam descobrir quem fez o quê, onde, quando, como e por quê. Em outras palavras, esse tipo de texto é adequado ao tipo de trabalho do jornalista, que pede que muitas informações sejam transmitidas em pouco tempo.

Sobre a precisão, também é verdade que o texto introduzido pelo lide foca nos pontos fundamentais para a compreensão dos fatos pelos leitores, ele ajuda a priorizar a informação. Se uma pessoa deseja saber se há uma greve, se a data de uma prova foi alterada ou se ocorreu aumento no preço de um produto, por exemplo, o tipo de texto organizado pelo lide é muito preciso. Já nas primeiras linhas, o leitor terá as respostas que procura.

O lide também é criterioso, pois reflete um método que traz segurança para o jornalista, o público e a informação. Havendo um modo de fazer e um modo de escrever, é possível reclamar de uma notícia em que parte das respostas não aparece

ou ter um ponto de partida para analisar a qualidade de uma informação.

Por sua vez, como pontos negativos, o texto estruturado a partir do lide reduz a criatividade da escrita, limita o olhar do jornalista e pode tornar os textos um pouco enjoativos. Nessa estrutura, há menos espaço para que os jornalistas executem suas habilidades de escritores. Muitos jornalistas, principalmente estudantes, costumam reclamar do lide, por achar a estrutura repetitiva e sem espaço para experimentar, como se o lide fosse uma camisa de força que aprisionasse todos os textos e os deixasse mais ou menos iguais.

Ao focar na resposta às seis perguntas, o jornalista também deixa de prestar a atenção em outros aspectos, deixa de refletir sobre o fato e de expressar outros elementos relacionados, como os afetos envolvidos. Assim, da mesma forma que o lide traz precisão, ele também traz um limite que, algumas vezes, faz o jornalista não prestar atenção em outras questões importantes.

Diante de uma situação em que um estudante foi aprovado em diversas universidades antes mesmo de concluir o ensino médio, após estudar 15 horas por dia, um jornalista pode focar em descobrir quem é o estudante, quais são as universidades e cursos da aprovação,

onde o jovem vive, quando ocorreram as aprovações, como ele conseguiu alcançar essa conquista e por que o interesse em realizar provas antes do tempo regular. Mas pode deixar de se interessar pela vida do estudante em outros aspectos.

Pode não se perguntar se é saudável, para qualquer pessoa, estudar por tantas horas; se o estudante consegue conciliar o estudo com outras realizações importantes, como se divertir com a família e os amigos; se é justo submeter jovens a um nível de esforço tão grande, a fim de entrar em uma universidade; e se a necessidade dessa quantidade de horas estudada não é um empecilho para estudantes que não têm todo esse tempo a dedicar.

Quanto aos textos se tornarem cansativos, é bem verdade que a estrutura permite poucas surpresas. O lide traz uma grande facilidade no acesso à informação, mas diminui a possibilidade de tratar o texto como uma forma de expressar a experiência real e o contato com um texto que conquista e prende pela qualidade da escrita.

O lide reduz a experiência ao conhecimento do fato, dos envolvidos, do cenário, do tempo, da forma e do motivo, mas nos afasta da compreensão de que falamos no início. A compreensão de quem se sente parte, de quem realmente se importa e se deixa afetar.



1. A simplicidade do texto jornalístico facilita não só a escrita, mas também a sua compreensão. Por meio do lide, uma estrutura que prioriza a transmissão do fato, os jornalistas e o público têm acesso rápido a informações diversas. O lide busca responder a seis perguntas essenciais: quem? O quê? Quando? Onde? Por quê? E como? Nos fragmentos de textos jornalísticos a seguir, identifique todos os elementos constituintes do lide que estiverem presentes.

“Brasil tem mais 10.274 casos confirmados de sarampo

Desde o início de 2018 até 8 de janeiro de 2019, o Brasil registrou 10.274 casos confirmados de sarampo. Atualmente, o País enfrenta dois surtos da doença: no Amazonas, onde há 9.778 casos, e em Roraima, onde foram contabilizadas 355 ocorrências. [...]”

Retirado de Agência Brasil, publicado em 10 de janeiro de 2019.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-01/brasil-tem-10274-casos-confirmados-de-sarampo>

Os estudantes devem identificar os seis pontos fundamentais do lide.

Quem? _____

O quê? _____

Quando? _____

Onde? _____

Por quê? _____

Como? _____

“Aberta inscrição para prêmio de literatura que busca novos escritores

A partir desta quarta-feira (9), o Prêmio Sesc de Literatura abre inscrições para a sua edição de 2019. A iniciativa é voltada para autores estreantes de romances ou contos inéditos. Os vencedores terão suas obras publicadas e distribuídas pela editora Record, com tiragem inicial de 2 mil exemplares.

As inscrições são gratuitas e poderão ser realizadas pela Internet até o dia 14 de fevereiro. As obras são avaliadas pela sua qualidade para edição e circulação nacional.”

Retirado de Agência Brasil, publicado em 11 de janeiro de 2019.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-01/aberta-inscricao-para-premio-de-literatura-que-busca-novos-escritores>

Quem? _____

O quê? _____

Quando? _____

Onde? _____

Por quê? _____

Como? _____

“Dois brasileiros estão entre os finalistas do prêmio *Global Teacher*”

Os professores brasileiros Jayse Ferreira, de Pernambuco, e Débora Garofalo, de São Paulo, estão entre os 50 finalistas do prêmio internacional *Global Teacher*, que analisa o trabalho de profissionais de 171 países focalizando métodos inovadores e criativos para lecionar. Houve mais de 30 mil inscrições. A entrega do prêmio será em março, em Dubai, nos Emirados Árabes.”

Retirado de Agência Brasil, publicado em 11 de janeiro de 2019.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-01/dois-brasileiros-estao-entre-os-finalistas-do-premio-global-teacher>

Quem? _____

O quê? _____

Quando? _____

Onde? _____

Por quê? _____

Como? _____

2.

Sabendo quais são os elementos essenciais buscados por um jornalista para a composição de uma notícia, utilize os dados presentes em cada item para elaborar textos com formato semelhante ao de notas e notícias.

Quem: homem aposentado de 90 anos, que não quis se identificar. O quê: ganha 10 milhões de reais. Onde: na cidade de Campina Grande/PB. Quando: hoje (com data). Por quê: pois foi sorteado pelas Loterias Federais. Como: acertou os números, apostando na data de nascimento dos seus seis filhos.

Quem: A estudante Carla Santos. O quê: foi a vencedora de concurso estadual de soletração. Quando: encerrado no último domingo (data). Onde: na cidade de Rio Branco (AC). Por quê: não errou nenhuma das palavras. Como: de acordo com a estudante, realizando muitas leituras em busca de aprender novas palavras.

Quem: urso. O quê: invadiu uma casa, roubou comida da mesa e do *freezer*. Quando: na última segunda-feira (data). Onde: no estado americano do Colorado. Por quê: segundo biólogos, pela falta de comida no seu hábitat e pela proximidade da cidade. Como: entrou por uma janela que estava aberta e foi filmado por câmeras internas.

3. As características que definem o texto jornalístico, bem como as de qualquer linguagem específica a um grupo, não surgem sem motivo. Há um conjunto de razões que ajudam a explicar por que elas são como são. Sobre as características do texto jornalístico, observe as afirmações abaixo.
- I. O *lead*, ou lide, é uma organização textual típica da linguagem jornalística. Sua estrutura privilegia o entendimento de fatos considerados relevantes para a sociedade ou para parte dela.
 - II. Para responder às perguntas presentes no lide, os jornalistas devem explorar o acontecimento não só no momento em que ocorrem, mas também refletindo sobre as suas causas (passado) e **consequências** (futuro).
 - III. A estrutura que o lide procura refletir tem relação com as **ideias** positivistas e com a crença de que é possível alcançar a objetividade a partir da correta aplicação de um método.

Estão **corretas** as alternativas:

- a) I, apenas.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) III, apenas.
- e) Todas as alternativas.

4. A existência de uma estrutura pré-formulada, que orienta os jornalistas sobre o que deve ser priorizado em cada situação, traz vantagens e desvantagens para o texto. Sobre isso, marque a alternativa **correta**.
- a) A estrutura pré-ordenada ajuda o jornalista a escrever com mais agilidade e criatividade.
 - b) A estrutura do lide privilegia a qualidade e a beleza do texto.
 - c) Uma desvantagem trazida pelo lide, como estrutura, é o fato de não ser compatível com a rotina de trabalho dos jornalistas.
 - d) O lide permite que as informações escritas pelos jornalistas possam ser acessadas de maneira simples pelo público.
 - e) Para responder a todas as perguntas referentes ao fato, a estrutura do lide costuma ser bastante longa.

5. Uma característica marcante do texto jornalístico é a sua fugacidade. Ou seja, o texto jornalístico envelhece e perde atualidade muito rápido. Enquanto outros textos se mantêm atuais alguns (ou muitos) anos após serem escritos, os textos jornalísticos podem se desatualizar depois de dias e até de horas. Sobre a atualidade nesse tipo de texto, complete as lacunas e marque a alternativa **correta**.

Uma forma comum de marcar a atualidade no texto jornalístico é a colocação de _____, que marcam o momento em que o acontecimento se desenrolou. Mas a atualidade não é marcada apenas dessa forma. O conteúdo jornalístico dá preferência a _____, no lugar de _____. E, enquanto estes últimos tratam de situações que perduram, os primeiros se referem a acontecimentos passageiros, que logo são substituídos por novos acontecimentos, igualmente passageiros.

- a) Datas, fatos, contextos.
- b) Horas, notícias, fatos.
- c) Datas, contextos, fatos.
- d) Nomes, fatos, contextos.
- e) Períodos históricos, fatos, notícias.

6. O texto abaixo traz um trecho de uma canção composta por Haroldo Barbosa e Luiz Abdenago dos Reis e cantada por Chico Buarque. Depois de ler atentamente, responda os itens que seguem.

Notícia de Jornal

Atentou contra a existência

Num humilde barracão

Joana de tal, por causa de um tal João

O lar não mais existe

Ninguém volta ao que acabou

Joana é mais uma mulata triste que errou

Errou na dose

Errou no amor

Joana errou de João

Ninguém notou

Ninguém morou na dor que era o seu mal

A dor da gente não sai no jornal

a) A música recebe o título *Notícia de Jornal*. Que acontecimento retratado na música se assemelha aos temas reproduzidos nas notícias?

b) Além do tema, a música também traz alguns dos elementos demandados pelo lide. Identifique-os.

c) A música também faz uma crítica à frieza da informação jornalística. Identifique o fragmento em que isso ocorre.

d) Explique a crítica contida no fragmento de resposta à questão anterior.

Atrás dos números e dos espelhos



🔍 Escaneie o QR CODE

*Mídia representa
pessoas em situação de
rua de forma negativa*

Atrás de qualquer estatística, há pessoas reais. Quando lemos, por exemplo, que “Em 2017, quase 55 milhões de brasileiros estavam abaixo da linha de pobreza” (*O Estado de S. Paulo*, 5 de dezembro de 2018), entramos em contato com um número, um “quase 55 milhões”. Esse número representa algo em relação ao total da população brasileira, que pode nos dizer se isso é proporcionalmente muito ou pouco. Pelos resultados anteriores, também podemos saber se a situação melhorou ou piorou. Mas, ao mesmo tempo que os dados revelam um fragmento da realidade, parecem ignorar outro.

Ao ler que a “Taxa de desemprego sobe para 13,1%, diz pesquisa do IBGE” (*Agência Brasil*, 27 de abril de 2018), entramos em contato com um

dado que não nos deixa tristes, apenas conscientes de que o desemprego aumentou. Entendemos o número, mas ignoramos as pessoas de que os números são formados.

Cada brasileiro que compôs, em 2017, os quase 55 milhões abaixo da linha da pobreza e cada família que fez parte da estatística de 13,1% de desempregados, em 2018, não são apenas um número. Eles possuem uma história e uma realidade que representam o que a pobreza e o desemprego sempre representam: a necessidade dos que não têm o básico, o desrespeito a direitos fundamentais e o desespero de quem se sente sem alternativa.

Assim como há pessoas por trás de cada número, também há pessoas por trás dos textos. Todo material jornalístico, seja um texto escrito,

um vídeo, um áudio ou uma mistura dessas linguagens, tem sempre uma pessoa ou um conjunto de pessoas atuando na sua produção. Há jornalistas, cinegrafistas, radialistas, fotógrafos e outros profissionais tendo um primeiro contato com um acontecimento e se encarregando de transformá-lo em informação jornalística.

Além do modo de fazer, todo trabalho tem alguém que o executa, emprestando uma interpretação e uma forma de observar a realidade. Assim, por mais que os jornalistas busquem responder às seis perguntas que compõem o lide (sendo essa uma parte importante do modo de fazer), eles fazem isso a partir do próprio ponto de vista, o que pode gerar mudanças no texto final.

Imagine, por exemplo, que um jornalista foi informado de que está acontecendo um certo tumulto no centro da cidade. Para apurar o que ocorre, ele e sua equipe seguiram para o lugar do ocorrido. Ao chegar, descobrem que o conflito envolve um prédio antigo. Como de costume, os profissionais seguem pelo lide e procuram saber **quem** fez **o quê**, **quando**, **onde**, **por quê** e **como**.

Descobrem, então, que já faz algumas semanas que um grupo de 60 pessoas vêm morando no prédio. Falando com um lado do tumulto, seguranças particulares que representam o dono do prédio, a equipe fica sabendo que

os atuais moradores, na verdade, são **invasores**, que estão no prédio contra a vontade do dono (para provar, os seguranças mostram uma cópia do documento de propriedade do prédio). Os moradores não pediram autorização, não possuem contratos nem estão pagando qualquer tipo de aluguel, e, por esse motivo, esses seguranças estão ali para expulsá-los do imóvel.

Os jornalistas sabem que todas as pessoas têm direito à propriedade, de modo que não se pode simplesmente invadir a casa de alguém. Se a apuração parasse por aí, os jornalistas poderiam escrever um texto afirmando que “Um tumulto foi causado, na manhã desta quinta-feira, no centro da cidade, quando seguranças particulares tentaram retirar invasores que estão morando ilegalmente no prédio X” ou, ainda, que “Invasores causaram tumulto, na manhã desta quinta-feira, por se recusarem a sair de prédio localizado no centro da cidade”.

Todo jornalista sabe, entretanto, que não pode ouvir apenas um dos lados em uma situação de conflito, é preciso falar com o outro grupo. Por esse motivo, tais profissionais se identificam e tentam conversar com as pessoas no outro lado. Os moradores, que estavam isolados dentro do prédio, concordam em falar com o jornalista e permitem a sua entrada.

Dentro do prédio, as pessoas

informaram que realmente não são donas nem estão alugando o espaço (confirmando a versão dos seguranças contratados pelo dono), mas afirmam que não estão invadindo, mas, sim, **ocupando** um prédio que não só estava vazio e em péssimas condições (os moradores mostram fotos do prédio no momento da chegada e as melhorias feitas para tornar o lugar habitável), mas também possuía uma dívida pelo não pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) — um tributo a ser pago anualmente à prefeitura — que supera o valor do prédio (o que também foi demonstrado por meio de um documento).

Quando perguntados sobre o direito do dono, um representante dos moradores afirmou que o direito à propriedade obriga o dono a dar alguma função ao imóvel, o que não ocorria já que o prédio estava desocupado há muitos anos; e que a dívida também autorizava a prefeitura a reclamar a utilização da propriedade. Por fim, outro representante também disse que, da mesma forma que o dono tem direito à propriedade, as 15 famílias ocupando o prédio, por não terem para onde ir, têm direito à habitação.

O jornalista, então, checou todas as informações legais passadas pelos representantes dos moradores e viu que, de fato, existe a obrigação de dar algu-

ma função à propriedade, ou seja, pessoas não podem deixar prédios, casas e terras vazias por tempo indeterminado, é preciso utilizá-las para alguma finalidade. E também confirmou que as pessoas têm direito à habitação.

Depois dessa conversa, o jornalista poderia escrever que “15 Famílias reivindicam o direito à habitação e ocupam prédio abandonado no centro da cidade, resultando em conflito com representantes do dono” ou, ainda, que “Mesmo em dívida com a prefeitura e desrespeitando a função social da propriedade, dono de prédio envia seguranças particulares para desalojar 15 famílias que não têm onde morar”.

Nessas duas formas de escrever a notícia, assim como nas duas anteriores, o jornalista utiliza o lide como estrutura norteadora, mas sua utilização não é capaz de garantir que a apresentação do fato agrade a todos os envolvidos. Os dois primeiros textos não seriam considerados objetivos pelas 15 famílias, e os dois últimos receberiam a mesma crítica do dono do prédio.

O que acontece é que, em algumas situações, o fato não é tão simples de retratar, podendo ser percebido de diversas formas, que seriam consideradas corretas por um ponto de vista, mas erradas por outro. Nessas situações, até as palavras utilizadas fazem a diferença — note, por

exemplo, que para se referir ao fato de que pessoas estavam morando no prédio, os seguranças usam o verbo *invadir*, enquanto as famílias usam o verbo *ocupar*.

No contexto, os dois verbos servem para indicar que as pessoas estavam no prédio, mas além disso contribuem para uma percepção e uma valorização diferente dessa ação. Usar o termo *invadir* ressalta que as pessoas estão agindo contra a vontade do dono, que estão usando a força para impor a presença em um lugar em que não deveriam estar. Por sua vez, o termo *ocupar* chama a atenção para o fato de que antes o espaço estava vazio, sem uso, e que passou a ter uso após a presença das pessoas.

Continuando nesse mesmo raciocínio, quem invade uma propriedade privada é um criminoso, mas quem ocupa uma propriedade sem uso, reivindicando um direito, é um manifestante. O que queremos dizer, seguindo esse pensamento, é que muitas vezes a escolha de uma palavra, a apresentação de um número ou mesmo um fato cotidiano carregam sentidos além do óbvio.

Nesses casos, o lide não é suficiente para fornecer orientações sobre como agir, pois ignora que, na sociedade, a realidade é muito mais complexa de observar e descrever do que a realidade de um laboratório. Normalmente, as situações re-

tratadas pelos jornalistas não possuem apenas um único agente e um único fato, mas um conjunto de grupos que pensam de maneira diferente e agem ao mesmo tempo, influenciando uns aos outros.

Em resumo, podemos dizer que a sociedade não é o resultado de uma fórmula lógica, mas um emaranhado de relações que mistura pessoas, direitos, intenções, diferenças e desigualdades. Esse tipo de percepção fez com que o pensamento positivista começasse a ser criticado por estudiosos do jornalismo. De acordo com eles, não existe a possibilidade de o jornalista ser objetivo e espelhar a realidade exatamente como ocorre; e a estrutura do lide não é suficiente para levar para a sociedade um conjunto de informações conscientes e críticas.

A objetividade impossível

O pensamento positivista contribuiu para a crença de que os jornalistas que seguissem rigorosamente os métodos de apuração poderiam funcionar como espelhos da realidade. E, sendo um espelho, poderiam gerar um reflexo perfeito, permitindo às pessoas que não acompanharam um acontecimento pessoalmente entender como se tivessem acompanhado. Esse rigor na coleta da informação deveria se refletir na escrita do texto e na sua transmissão e traria a vantagem

de priorizar a informação, simplificar a produção e a recepção e dar precisão ao trabalho.

Em muitos momentos, as técnicas inspiradas na ciência positivista são úteis e válidas para a produção e circulação de notícias. Elas realmente ajudam os jornalistas e o público a saberem o que fazer e o que esperar, trazem rapidez e simplicidade para o texto, além de reforçar uma cultura e uma identidade jornalística. O problema passa a existir quando essas técnicas de cobertura e de escrita prejudicam a percepção do que está além da maneira positivista de ver o mundo.

O positivismo acreditava que os únicos conhecimentos válidos são aqueles adquiridos a partir de experiências e métodos exatos, o que valia não só para os cientistas que trabalham em laboratório ou que manejam números, mas também para aqueles que se voltam para a sociedade. Por esse motivo, o texto jornalístico deveria se ocupar em descrever fatos ou em divulgar pesquisas, e não priorizar opiniões, emoções ou afetos.

O problema dessa percepção é que a realidade social não costuma ser formada por acontecimentos simples em que há apenas uma causa e uma **consequência**, mas por realidade complexas, em que convivem diversas causas e consequências, além de diferentes interpretações da realidade.



Escaneie o QR CODE

Mãe do goleiro Danilo faz jornalista do Sportv chorar

Dona Alaíde não se conteve de emoção e fez ato de carinho junto de Guido Nunes, que também não segurou as lágrimas

Pelo pensamento positivista, não seria possível este fato acontecer: um jornalista chorar durante uma entrevista. Mas a emoção e a solidariedade foram mais fortes quando o repórter Guido Nunes demonstrou sua tristeza diante da perda de amigos jornalistas num acidente aéreo em 2016.

É simples utilizar a abordagem positivista quando um jornalista precisa informar que uma via foi interditada, pois uma tempestade causou desmoronamento; para comprovar, basta ir ao local, observar e descrever o que foi visto. Da mesma forma, é válido utilizar essa abordagem quando médicos descobrem a cura para uma doença ou quando, ao fim de um campeonato, é preciso anunciar qual time foi o vencedor.

Mas não é simples quando o jornalista está diante de conflitos de interesse, opiniões divergentes e falta de certezas, como no exemplo do prédio, do qual tratamos anteriormente. Essas situações, que são as que melhor representam a vida em sociedade, não são exatas, e sim múltiplas. Não são realidades

fixas e precisas, mas constantemente mutáveis e repletas de imprecisão.

Diante de situações que não são objetivas e que, portanto, não cabem em fórmulas, a atuação do jornalista não pode ser objetiva, nem mesmo se adequar à fórmula sugerida.

Outra objetividade impossível é aquela que considera que, fazendo uso de métodos, o jornalista conseguiria eliminar a sua subjetividade. Os jornalistas, como qualquer outra pessoa, observam a realidade a partir de um conjunto de saberes e experiências que possuem. Assim, toda compreensão da realidade que o profissional alcança para poder transformar em notícia é o resultado também da sua forma de compreender o mundo.

Analise as notícias a seguir, que dizem respeito a um mesmo fato:

1. Prédio ocupado pega fogo e desaba no Centro de São Paulo
2. Conheça o histórico do prédio que desabou no Largo do Paissandu (SP)
3. Prédio de ocupação irregular desaba após incêndio no centro de SP

Escaneie o QR CODE



Alf Ribeiro / Shutterstock.com



Em 1º de maio de 2018, um incêndio ocasionou o desabamento de um edifício ocupado por famílias pertencentes a um movimento social por moradia e estimulou um debate já acalorado sobre as ocupações de edifícios por famílias sem-teto. É possível observar enfoques distintos adotados por cada veículo ao noticiar o fato: a legitimidade ou o caráter irregular da ocupação, a ação dos bombeiros na tentativa de salvamento, aspectos legais envolvendo a propriedade do edifício. Como podemos ver, dificilmente um acontecimento pode ser analisado sob um único ângulo e ficar isento de subjetividade. Na fotografia, acampamento das famílias atingidas pelo desabamento.

Pense, por exemplo, que você é um jornalista trabalhando na cobertura de uma série de *shows* realizados na sua cidade. Nesse evento, você tem a oportunidade de estar perto de uma de suas cantoras favoritas e de entrevistá-la. Sendo fã da artista, você possui conhecimentos da trajetória, que outros jornalistas podem ignorar, e pode utilizar esses saberes para aprofundar o seu texto. Além dos conhecimentos, altera-se o estado emocional do jornalista, pois qualquer profissional ficaria mais contente entrevistando uma pessoa de cujo trabalho gosta do que uma personalidade que causa algum desagrado.

Mesmo se atendo ao lide, os jornalistas não deixam de ser pessoas que possuem gostos, opiniões e preferências. Essas características subjetivas não são, em momento algum, o foco da produção jornalística — afinal a tarefa não é falar de si, mas, sim, informar —, ainda assim, não é possível abandonar completamente o que se sabe e aquilo de que se gosta. Em outras palavras, o texto jornalístico não tem escolha a não ser conviver com a subjetividade dos seus profissionais e as fontes.

Mas, ao entender que a objetividade, como pensada pelos positivistas, não é possível, o convívio com a subjetividade do jornalista deixa de ser enxergado como um problema. No

lugar disso, ela passa a ser percebida como outra forma, complementar ao lide, de acessar a realidade.

Além do lide

O lide não é criticado apenas por refletir a busca por uma objetividade que em muitos momentos não existe, mas também por ser insuficiente para transmitir informações de maneira complexa. Essa crítica ressalta que para bem compreender os fatos não basta descrevê-los, é preciso também atentar para o contexto que os envolve. Vejamos um exemplo.

Imagine que determinado jornalista recebe a informação de que a indústria de cosméticos está entre as que mais crescem no País. Dados do rendimento das empresas brasileiras mostraram que, enquanto muitos outros setores enfrentam uma crise e sofrem cortes, a indústria de cosméticos cresce. Outras informações, estas conseguidas diretamente com as empresas de cosméticos, revelam que as mulheres são 80% dos consumidores.

A partir dessas informações, tomamos conhecimento de que a indústria de cosméticos vive um bom período e que esse sucesso se deve às mulheres, principais consumidoras. Mas essas informações não nos fazem compreender o contexto. Não sabemos, por exemplo, por que, em um momen-

to de crise que atinge a maior parte das outras empresas, os cosméticos, que não são bens realmente necessários (como são comida e medicamentos), continuam sendo comprados. Os dados também não nos esclarecem por que as mulheres consomem mais cosméticos do que os homens.

Para compreender, é preciso mais do que é necessário para saber. Compreender está relacionado a entender os sentidos que envolvem o fato, enquanto saber é apenas estar ciente de algo. Assim, outra crítica feita ao lide é que ele privilegia o saber pontual, limitado a um acontecimento, mas faz pouco pela compreensão ampla da realidade.

Devido a essa preferência, o lide consegue nos situar quanto à questão da indústria de cosméticos e trazer as informações primárias, mas não cabe na sua estrutura esclarecer o conflito vivido por mulheres que, mesmo com pouco dinheiro, sentem-se pressionadas a cuidar da aparência. Não se enquadra no lide uma reflexão sobre questões de gênero e pressões estéticas ou sobre o que define o feminino na sociedade.

Para entender esse dilema e outros, que ajudariam na compreensão dos números, os jornalistas precisam ir além do lide. Esse ir além inclui não só alongar o texto, com falas de especialistas e fontes, como também utilizar outros formatos. Como

dissemos anteriormente, não só de notícias se faz o jornalismo.

Quando escrevem reportagens, editoriais, crônicas, artigos, colunas, comentários e até charges, os trabalhadores da mídia abandonam o fato como acontecimento isolado e passam a se interessar por ir além. Esses formatos exigem mais atenção e mais espaço do que a notícia, portanto, em seu lugar, também garantem uma compreensão mais profunda e mais sensível.

Explorando a sensibilidade, muitos jornalistas também se afastaram da tentativa de ser objetivos e passaram a utilizar a experiência como material jornalístico para ir além do lide. Na década de 1970, nos Estados Unidos, essa tendência levou à criação de um manifesto que intitulava essa outra forma de fazer jornalismo como *New Journalism*, ou **Novo Jornalismo**.

Para Tom Wolfe, um dos escritores do manifesto, esse novo jornalismo deveria evitar o aspecto aborrecido, parecido com um relatório, que caracteriza o jornalismo que utiliza o lide. Os repórteres não deveriam tentar apagar a própria personalidade, mas utilizá-la para transformar cada texto em um material único e com valor estético.

Ou seja, para esse novo jornalismo, o texto não deveria apenas informar, mas fazer isso enquanto envolve o público. Ao contrário do lide, que rompeu com a literatura, a proposta é

se reaproximar dela e utilizar a técnica dos grandes escritores para transformar a leitura de produtos jornalísticos em uma experiência prazerosa. Essa transformação, de acordo com o manifesto, não deveria atingir apenas o jornalismo opinativo, mas, principalmente, os textos informativos.

Nessas narrativas, o jornalista não ia priorizar apenas o fato, mas se preocupar também com a realidade subjetiva que o envolve. Assim, agora importa o que aconteceu, bem como o que o acontecimento representa. No lugar de apenas descrever um desmoronamento e apresentar o número de pessoas que ficaram desabrigadas, por exemplo, o jornalista passa a ter permissão para transmitir a tristeza e o sofrimento dos afetados.

Um aspecto negativo dessa permissão é o reforço de um jornalismo sensacionalista. No sensacionalismo, a informação é colocada em segundo plano, e o foco passa a estar no exagero da exposição. Esse exagero, que pode estar nas palavras adotadas, nas imagens ou na maneira de tratar as fontes, tem a finalidade de atrair e prender o público a partir da postura abusiva e que causa impacto.

O sensacionalismo, assim como o lide, contribui pouco para a compreensão do outro. Enquanto o lide tenta ignorar as subjetividades, o sensacio-

nalismo trata as emoções e as pessoas de maneira superficial. Dessa forma, preocupam-se pouco com a compreensão da realidade em que as pessoas estão inseridas e excessivamente com a comoção que será gerada.

Em oposição a esse comportamento sensacionalista, existem outras tendências atreladas à nova forma de fazer jornalismo. Entre os vários nomes recebidos, estão **jornalismo literário, literatura de realidade, jornalismo em profundidade e jornalismo de autor**.

Esse conjunto de denominações se refere a uma forma de fazer jornalismo que vai além do lide não só por extrapolar sua estrutura, mas também por discordar dos seus princípios. Esse jornalismo altera a maneira de narrar o fato para alterar também a forma de transmitir a realidade, por isso o que importa para esse jornalismo pode ser diferente do que importa para o jornalismo que deseja ser objetivo.

Alguns autores chegam a falar até em um jornalismo de desacontecimento, devido ao interesse pelo que antes era ignorado. Importam menos os números isolados e a vida de pessoas famosas e mais a experiência humana das pessoas comuns, que não costumam aparecer nos jornais. Importam a mãe que não pode trabalhar por falta de vaga na creche do município e os adolescentes que

passam a ter adoração por bandas de países cuja existência nem conheciam há pouco tempo.

Diante do desemprego ou da pobreza, passam a importar o sofrimento, as histórias e o modo como tudo isso interfere na forma de viver. Importa a maneira de lidar com a falta, de equilibrar as contas, de continuar sonhando com o futuro e de utilizar os sonhos para impulsionar um empreendimento. Tudo isso importa tanto quanto os dados de pesquisa e os números da empresa, pois eles são a experiência ou a vivência dessa importância.



A singularidade no cotidiano



A Tanzânia é um dos países em que pessoas albinas mais sofrem ataques. Na foto, crianças negras e uma albina em Ukerewe, Tanzânia.

No ano de 2009, os jornalistas Paulo Valadares e Alexandre Severo (este último, fotógrafo) produziram uma reportagem para o jornal pernambucano *Jornal do Commercio* abordando a dura realidade de crianças albinas filhas de uma mãe negra, residentes na comunidade do V8, em Olinda, Pernambuco. A reportagem, que causou enorme comoção e foi premiada, abordava detalhes do cotidiano dessa família, desde a dificuldade em custear protetores so-

lares (imprescindíveis para pessoas albinas) até as discriminações enfrentadas por pessoas que acreditavam se tratar de crianças loiras (e, por isso, impossível de serem filhas de uma mulher negra).

A reportagem, além de chamar atenção para uma família em condição de vulnerabilidade, proporcionou-lhe visibilidade e sensibilizou a sociedade, resultando em doações como filtros solares e camisas fotoprotetoras.

Para conhecer um pouco mais dessa história e da relação entre essas famílias e os jornalistas que a retrataram, visite os *links*:

<https://www.geledes.org.br/irmaos-albinos-relembra-momentos-ao-lado-de-fotografo-alexandre-severo/>

<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/08/20/irmaos-albinos-de-olinda-ainda-precisam-de-ajuda-141333.php>



Escaneie o QR CODE





Escaneie o QR CODE

Em 2017, durante uma enchente no Texas, EUA, uma repórter pede ajuda ao vivo a uma equipe de resgates para salvar um homem que estava preso em seu caminhão. Durante a retirada do motorista, ela relata o que está sentindo no momento.

Na verdade, tudo o que importa apenas importa porque interfere na vida das pessoas. Ocorre, então, uma inversão do foco. As experiências individuais não são apresentadas apenas para exemplificar os números, mas estes são chamados para que possamos entender melhor a amplitude da experiência de uma pessoa.

As histórias de vida dão materialidade às estatísticas e fazem com que cada número realmente signifique algo. A proposta dessa forma de fazer jornalismo é, então, não separar o conhecimento da compreensão e não agir como se números e afetos fossem realidades incompatíveis.

Para garantir essa aproximação, o jornalista passa a atuar mais próximo das pessoas comuns. Assim, além dos dados retirados de pesquisas e estudos, o jornalista precisa usar sua subjetividade a fim de entrar em contato com a subjetividade dos outros.

O jornalismo de autor não deixa de se preo-

cupar com temas como corrupção ou economia, mas também considera parte das pessoas afetadas pela corrupção e do impacto que a economia tem no cotidiano. De maneira geral, a proposta desse jornalismo é se tornar mais humano, mais afetivo e mais capaz de afetar.

Até aqui precisamos fixar que, com o auxílio da filosofia e da sociologia, o jornalismo percebe que a realidade não pode ser enquadrado em fórmulas fixas, como esperava o positivismo. Descobre, então, que, por trás de dados e textos, existem pessoas que são impactadas e que emprestam a sua subjetividade.

Essa percepção ajuda a executar uma mudança no fazer. No lugar de tentar afastar a subjetividade e as experiências individuais, os jornalistas passam a utilizá-las como caminho que conduz ao coletivo. As vozes e situações antes ignoradas passam a importar, assim como importa o que a realidade desperta em termo de sentimentos e afetos.



1. Em janeiro de 2019, muitos brasileiros participaram de discussões sobre as vantagens e desvantagens da posse de armas. As falas foram motivadas por um decreto presidencial, assinado em 15 de janeiro de 2019, que alterou as regras e facilitou a posse de armas no Brasil. Por definição, o direito à posse de armas é a autorização para que pessoas tenham armas de fogo nas suas residências ou no seu local de trabalho. A posse não dá o direito para que as pessoas andem armadas na rua, para isso é necessário um outro direito, o direito ao porte.

Entre as opiniões que concordavam com a decisão do presidente Jair Bolsonaro, estavam:

“No referendo de 2005 (sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições), a maioria da população se manifestou a favor do direito de comprar uma arma”;

“Com a posse de armas, criminosos não se sentirão tão confiantes em invadir casas”;

“Países como os Estados Unidos permitem ao cidadão ter arma em casa, como garantia democrática”;

“A simplificação da posse é coerente com as promessas de campanha feitas pelo presidente eleito, quando ainda era candidato”.

Por outro lado, entre as opiniões contrárias estavam:

“Segundo pesquisa Datafolha (divulgado no último dia de 2018), 61% dos brasileiros consideram que a posse de armas de fogo deve ser proibida”;

“Mais armas em casa trazem riscos de morte e acidentes com criança, suicídio, briga de casais e discussões banais”;

“Levantamentos mostram que a maioria das armas apreendidas em ocorrências criminosas foram, originalmente, vendidas de forma legítima e só depois foram desviadas”;

“Com o decreto, o Poder Público se omite da sua obrigação de garantir segurança e entrega a obrigação para os indivíduos”.

A partir da leitura dos elementos factuais e das opiniões divergentes, atente para o que pedem os itens a seguir:

- a) Elabore um texto com base no lide para expor a assinatura do decreto e a opinião da população, mas considere apenas as opiniões favoráveis.

b) Faça o mesmo que foi pedido no item anterior, mas considere apenas as opiniões que discordam do decreto.

c) Por que os textos elaborados não são bons representantes da realidade?

d) O que poderia melhorar a representação da realidade contida na notícia?

e) Elabore uma notícia incluindo os elementos factuais e a divergência de opiniões.

2.

A existência de mais de uma forma de perceber a realidade e a complexidade das relações sociais estão entre os motivos que fazem alguns estudiosos criticarem a posição positivista. Sobre a relação entre positivismo, texto jornalístico e realidade, marque a alternativa **correta**.

- a) O texto jornalístico orientado pelo positivismo tende a simplificar realidades complexas, o que é vantajoso para o amplo entendimento do problema.
- b) Com a superação do pensamento positivista, não há mais influência dessa filosofia na maneira como os jornalistas escrevem.
- c) Ainda que a disposição do texto jornalístico na estrutura do lide traga algumas vantagens, ela carrega a desvantagem de não contribuir para a percepção dos contextos que envolvem os fatos.
- d) Ainda há textos jornalísticos escritos considerando o lide como estrutura norteadora; eles, porém, deveriam ser eliminados, pois a mentalidade positivista foi superada há muito tempo.
- e) Mesmo com a superação do pensamento positivista, o lide continua sendo a única forma válida para a estruturação dos textos jornalísticos.

3. (Uenp – Adaptada) “Costumava-se dizer que ‘as câmeras não mentem’. De fato, um dos motivos do entusiasmo pela fotografia na época de sua invenção foi exatamente a sua objetividade. No século XIX, a fotografia era considerada o produto do ‘lápiz da natureza’, pois os próprios objetos deixam traços na chapa fotográfica quando ela é exposta à luz, sem outras intervenções da parte do fotógrafo. Desde aquela época, a objetividade da fotografia tem sido muito criticada. Lewis Hine, um norte-americano famoso por sua ‘fotografia social’ de trabalhadores imigrantes e cor-tiços, disse que, ‘embora as fotografias não possam mentir, os mentirosos podem fotografar’”.

Peter Burke in *Como confiar em fotografias*.

- I. Além da mentira, que é um falseamento deliberado, o fotógrafo também pode comprometer a percepção da realidade por preferir retratar apenas o que o comove, ignorando o restante.
- II. O retrato de determinado fato pode estimular posições político-ideológicas distintas. Por exemplo, convencer o público a ver determinada guerra como gloriosa, enfatizando a coragem e as vitórias; ou terrível, mostrando crianças vietnamitas nuas fugindo de um ataque de napalm.
- III. É possível haver interferência nas cenas sociais que se desejam registrar, editando-as para que pareçam mais autênticas.

Está(ão) **correta(s)** a(s) afirmação(ões):

- a) Nenhuma.
- b) Todas.
- c) Apenas a I.
- d) Apenas a II.
- e) Apenas a III.

4. Para a percepção positivista, a objetividade e a neutralidade são as principais características da ciência. O que não fosse objetivo e neutro não interessava; por esse motivo, opiniões, referências pessoais e afetos são exemplos do que a ciência não deveria conter. O cientista, profissional responsável por alcançar esses ideais, conseguiria fazê-lo ao aplicar os métodos de pesquisa com muita dedicação.

Ao se adaptar a essa forma de ver o mundo, uma das pretensões do jornalismo era ser reconhecido como ciência. Sobre essa questão, responda aos itens que seguem:

- a) Por que, mesmo se guiando por métodos, os jornalistas não conseguem ser plenamente objetivos?

- b) Por que os métodos e as fórmulas fixas são mais apropriados para resolver problemas matemáticos ou laboratoriais do que para observar a sociedade?

c) Como o movimento denominado Novo Jornalismo lida com a busca pela objetividade do jornalista?

5. O trecho a seguir é o primeiro parágrafo de um texto jornalístico intitulado *Enterro de pobre* e produzido pela jornalista Eliane Brum em 26 de junho de 1999. Leia o trecho com atenção e, em seguida, responda às questões.

“Não há nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida. Quem diz é Antonio, um homem esculpido pelo barro de uma humildade mais antiga do que ele. Um homem que tem vergonha até de falar e, quando fala, teme falar alto demais. E, quando levanta os olhos, tem medo de ofender o rosto do patrão apenas pela ousadia de **erguê-los**. Quem diz é Antonio Antunes. Ele acabara de sepultar o caixão do filho cujo rosto desconhece. O bebê de 960 gramas que morreu ainda no ventre da mãe. Antonio quis espiar a face do filho por um momento, mas a funcionária que foi buscar a criança na geladeira não deixou. Antonio tinha comprado uma roupinha de sete reais no centro de Porto Alegre para que o filho não fosse sepultado nu como um rebento de bicho. Mas não pôde vesti-lo. Restou a Antonio o caixãozinho branco que ninou nos braços até a cova número 2026 do Campo Santo do Cemitério da Santa Casa.”

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Arquipélago Editorial Ltda, 2006.

a) Ainda que a estrutura dessa narrativa seja distinta da estrutura comumente adotada nos textos jornalísticos, é possível identificar elementos factuais no texto. Tente identificar as seis questões resolvidas pelo lide nesse trecho.

Quem _____

O quê _____

Quando _____

Onde _____

Por quê _____

Como _____

b) Utilize os elementos identificados para escrever um texto seguindo a estrutura do lide.

c) Que elementos presentes na narrativa de Eliane escapam ao texto que adota a estrutura do lide?

d) Por que os elementos excluídos do texto quando estruturado conforme o lide fazem falta na narrativa?

e) No trecho “Antonio tinha comprado uma roupinha de sete reais no centro de Porto Alegre para que o filho não fosse sepultado nu como um rebento de bicho”, é mencionado o preço da roupa comprada por Antônio. Qual a relevância dessa informação para o texto?

f) Por que a história desse homem tem relevância jornalística?

6. Observe os títulos das matérias a seguir:

“Atlas da Violência 2018: Crianças são maiores vítimas de estupro no país” (*O Globo*, 05/06/2018)

“70% das vítimas são crianças e adolescentes: oito dados sobre estupro no Brasil” (*BBC*, 24/04/2017)

“Brasil tem 12 assassinatos de mulheres e 135 estupros por dia, mostra balanço” (*Folha de S.Paulo*, 30/10/2017)

Quando usamos a expressão “virou estatística” para nos referirmos a um indivíduo que foi vítima de uma situação como a do exemplo acima, o que queremos dizer? Na sua opinião, por que dizemos de forma figurativa que um indivíduo se converteu em estatística?



Escaneie o QR CODE

*Mãe de adolescentes
com microcefalia
ajuda nova geração a
desafiar limites*

O lugar dos afetos

Costumamos aplicar uma separação bem rígida entre o que é razão e o que é afeto, como se o que despertasse emoção devesse ficar bem separado de todas as demandas práticas. Quando alguém decide abrir um negócio, por exemplo, deve agir racionalmente (nada de emoções), já quando estamos diante de assuntos do coração, aí nem vale tentar usar a razão, pois nada é lógico ou perfeitamente explicável.

Pensando assim, parece mesmo que razão e emoção são como água e óleo, não se misturam. Cada um possui o seu lugar de atuação e deve permanecer restrito a esse lugar, a fim de evitar problemas. O lugar dos afetos seria a nossa vida íntima ou privada, aquela que compartilhamos com as

pessoas mais queridas e próximas, e o da razão seria a dimensão pública da nossa vida, aquela na qual interagimos com todas as pessoas, sem exceção.

No lugar dos afetos, agimos de acordo com dinâmicas e comportamentos que estão além da lógica. Não dá para explicar perfeitamente por que amamos um grupo musical, por que nos tornamos amigos dos nossos amigos ou por que detestamos certo legume. Podemos até procurar explicações compreensíveis pelos outros, mas, no fim das contas, não se trata de lógica, e sim de sentimentos e afetos.

Já no lugar da razão, há explicações para tudo. Existe uma razão precisa que comprova o porquê de aquele legume detestado fazer bem à saúde.



Existe uma conta que nos mostra quanto de nota é preciso tirar na última prova, a fim de passar de ano. E também existem formas de se comportar que são fixas e precisas.

Sempre que estamos em um elevador, por exemplo, há uma regra que nos ensina que é preciso cumprimentar com um bom-dia, boa-tarde ou boa-noite qualquer pessoa que divida o espaço conosco. E a resposta para esse cumprimento é sempre um outro bom-dia, boa-tarde ou **boa-noite**, que deve vir independentemente de o dia da pessoa estar sendo realmente bom.

Esperamos tanto esse comportamento padrão que, se, por acaso, a pessoa que cumprimentamos não responde de volta ou se começa a reclamar do dia, dizendo que ele não está nada bom, ficamos impressionados e sem saber como reagir. Tudo bem se um amigo responder ao nosso bom-dia com um: “Na verdade, meu dia está sendo péssimo!”, mas não um estranho, afinal, com os estranhos, estamos no lugar da razão, e não no lugar dos afetos.

Se com tudo isso você se convenceu de que existe uma separação entre o lugar da razão e o lugar dos afetos, então é hora de bagunçar essa certeza. A partir de agora, vamos falar da partici-

pação dos afetos na construção do nosso mundo racional e, para isso, utilizaremos o conhecimento de dois pensadores: Thomas Hobbes e Sigmund Freud.

Thomas Hobbes foi um filósofo, matemático e estudioso de teoria política que viveu na Inglaterra entre os séculos XVI e XVII. Se você já ouviu ou leu a frase “O homem é o lobo do próprio homem”, então já entrou em contato com um pensamento desse autor. Essa frase se relaciona ao livro *Leviatã*, que trata da percepção do autor sobre a natureza humana e sobre a formação do Estado.

Para Hobbes, só era possível viver de maneira segura e organizada se existissem leis, dizendo o que era permitido e o que era proibido, e um líder que fosse capaz de obrigar as pessoas a cumprirem essas leis, caso fosse necessário. Sem leis e sem uma força que obrigasse a cumpri-las, as pessoas viveriam em um constante estado de guerra.

O estado de guerra a que Hobbes se refere seria uma situação de constante violência causada pela utilização da força em disputas. Sempre que duas pessoas desejassem um mesmo objeto, elas usariam a violência (uma contra a outra) como forma de garantir o próprio interesse e continuariam usando a violência como forma de garantir a



Antonio Scorza / Shutterstock.com

Intervenção policial em comunidade no Rio de Janeiro em 2017 contra o tráfico de drogas. Muitas das comunidades carentes brasileiras são lideradas por grupos de traficantes e acabam entrando em conflito com representantes da lei, o que gera um clima de insegurança entre os moradores.

manutenção do bem desejado.

Nesse estado de guerra, sempre estaria em vantagem o interesse dos mais fortes, e não o do mais justo. No meio de tudo isso, imagine que emoções seriam comuns às pessoas mais fracas e menos capazes de usar a força para defender os seus interesses. Imagine o que sentiria uma pessoa fraca, porém muito habilidosa na construção de abrigos, se uma pessoa menos habilidosa, porém mais forte, desejasse se apossar do abrigo construído.

O sentimento não seria o de injustiça, já que nesse momento a justiça nem existia, mas, sim, o sentimento de medo. Medo da violência que poderia sofrer. E é nesse ponto que a obra de Hobbes é importante para refletirmos sobre a separação entre razão e afetos. Para o autor, o medo de sofrer violências é motivo para a formação das sociedades.

No lugar de viver livres, porém com medo, as pessoas preferem viver submetidas a regras e limitações, mas em maior segurança. A busca por superar o medo é vista como fundadora da so-

ciedade, ou seja, as pessoas passaram a viver juntas obedecendo a líderes e leis por medo do que pode acontecer quando se está sozinho e sem proteção. Seria pela busca da segurança e pela tentativa de se afastar o risco de sofrer violência que as pessoas abririam mão da capacidade de fazer várias coisas (como simplesmente se apossar de algo que pertence a outro) e se submeteriam à autoridade do Estado e dos seus representantes.

Além de o medo ser o motivo para que as pessoas aceitassem viver em sociedade, onde é mais seguro, todas as regras e leis (que são racionais), produzidas para garantir o funcionamento da sociedade, teriam sido baseadas na fuga do medo e na busca por segurança.

Ainda no livro *Leviatã*, quando Hobbes diz que o soberano de um Estado precisa da espada para garantir o cumprimento da lei, ele também está dizendo que muitas vezes as leis não são cumpridas não porque as pessoas entendem que é preciso agir racionalmente, mas, sim, porque elas temem as punições.

Em resumo, Hobbes diz que as pessoas cons-

truíram a sociedade para fugir do medo. Construíram regras, leis, princípios e normas para se esconder de uma verdade muito simples: todos nós tememos pela nossa vida e tentamos nos proteger de tudo — inclusive (e principalmente) das outras pessoas — que a coloque em risco.

Muitos autores discordaram da visão de Hobbes de que as pessoas seriam ruins por natureza e que sempre se comportariam mal, na ausência de leis e de uma força capaz de obrigar seu cumprimento, mas a obra desse autor ajudou na percepção de que os afetos, muitas vezes, são a base dos vínculos sociais. Ou, dito de outra forma, que **os afetos são a base para a construção da racionalidade**.

Basta pensar um pouco para vermos que, em diversas ações e decisões racionais, há afetos anteriores. A escolha de uma profissão, por exemplo, costuma levar em consideração aptidões racionais e o que a carreira pode oferecer, mas, para além do que a razão diz, a escolha também considera afetos, gostos e sonhos.

Da mesma forma, a escolha de um candidato no qual votar é apoiada em vários argumentos racionais, mas, antes deles, existe uma relação afetiva com o que as **ideias** representam e com a pessoa que as emite. De maneira geral, primeiro gostamos ou desgostamos, amamos ou odiamos, e só depois construí-



Joseph Sohm / Shutterstock.com

O ex-presidente dos Estados Unidos conquistou não só os norte-americanos, mas boa parte do mundo pelo seu carisma e pela sua forma descontraída de interagir com o público.

mos explicações e razões para justificar nossas preferências.

Um bom tempo depois de Hobbes, Freud também compreendeu que os afetos são a base do que sustenta a sociedade, mas, antes de expor as ideias desse outro pensador, é preciso apresentá-lo. Sigmund Freud foi um médico que viveu entre os séculos XIX e XX. Ele estudava o sistema nervoso e, ao longo dos anos de estudo, desenvolveu uma teoria e um método chamados de **psicanálise**.

Na psicanálise, Freud afirmava que, algumas vezes, uma doença poderia não ter uma causa física (como uma bactéria ou um vírus), mas, sim, uma causa emocional (como um trauma ou uma grande tristeza). Assim, o corpo, que é físico, não sofreria apenas a interferência do que é físico e racional, mas também a influência do que é

afetivo e emocional.

Se você já ficou tão triste ou tão chateado que chegou a adoecer, então você já vivenciou uma das afirmações de Freud. Na nossa sociedade, há muitos exemplos dessa interferência. É bem comum, por exemplo, que bebês fiquem fisicamente doentes quando as mães precisam voltar ao trabalho e, com isso, passam menos tempo com eles. Um exemplo extremo dessa interferência entre emoção e corpo físico é uma síndrome chamada **dor do membro-fantasma**. Nela, pessoas que sofreram amputações de membros, como pernas ou braços, continuam sentindo dores localizadas no membro que já não está mais no lugar.

Racionalmente, se não há mais o membro, não haveria como sentir dor nele, mas desde 1800 que a medicina conhe-

ce essa interferência. A questão emocional é tão importante que, nesse e em muitos outros casos, os tratamentos não incluem apenas remédios, mas uma soma de remédios, procedimentos e atendimento psicológico, no qual o paciente vai tratar as razões emocionais do seu problema.

Além de pensar na mente dos indivíduos, Freud deu contribuições para a compreensão da sociedade, afinal de contas esta é uma reunião de indivíduos, e estes são formados em sociedade. Assim como Hobbes, Freud acreditava que o afeto que funda a sociedade é o medo, mas ele defendia que esse afeto deveria ser substituído, uma vez que não era saudável para a sociedade.

Mesmo existindo leis e normas diversas, assim como autoridades para fazer cumpri-las, continuamos tendo medo. Em situações sociais, temos medo de que as leis sejam descumpridas pelos outros ou de que não sejamos aprovados em um prova; em questões naturais e físicas, temos medo de altura, medo de um bicho ou de sofrer um acidente; e em relação aos afetos, temos medo de chatear os nossos pais ou de que os nossos amigos deixem de gostar de nós. Ou seja, para Freud, diversos medos continuam estando na origem de muitos dos nossos comportamentos.

Esse sentimento, entretanto,

não era visto com bons olhos. Ele afirmou que o medo gerava pessoas sempre na defensiva e bastante individualistas, pois estavam constantemente tentando se proteger do que pudesse provocar algum mal. O medo também faria com que o relacionamento entre as pessoas fosse, muitas vezes, superficial, pois os outros eram vistos como aliados ou ameaças, e não como seres interessantes por eles mesmos.

Guiados pelo medo, podemos decidir nos aproximar ou nos afastar de alguém, mas dificilmente esse sentimento seria um afeto capaz de desencadear outros, como o carinho, a amizade ou o amor. Por esse motivo, Freud sugeriu que deveríamos substituir o medo e tentar sustentar a sociedade em outro afeto, o desamparo.

De início, pode parecer que o desamparo é um afeto tão ruim quanto o medo, no entanto Freud explica por que esse afeto gera pessoas diferentes. Para o autor, o desamparo é o reconhecimento de que somos sujeitos isolados. Mesmo tendo pessoas à nossa volta, nós somos os responsáveis pelas nossas ações, somos os únicos a realmente sentir as nossas dores e estamos inevitavelmente expostos a riscos e sofrimentos.

Ao aceitar o desamparo e, **consequentemente**, aceitar a solidão e os riscos que estão em volta, as pessoas passariam me-

nos tempo apenas tentando se proteger e poderiam se relacionar de maneira diferente com as outras. O desamparado não vê a outra pessoa como um aliado capaz de protegê-lo nem como uma ameaça capaz de fazer-lhe algum mal, mas, sim, como um outro igual, também sozinho e passível de sofrimento. Ele é, antes de tudo, capaz de se conectar por vontade, e não por interesse.

Novos afetos e novos journalismos

Tanto em Freud quanto em Hobbes existe a afirmação de que afetos e razão não são separados, mas se relacionam na formação da sociedade. Assim, o lugar dos afetos não seria apenas nossas relações pessoais e os nossos gostos privados, mas também as relações políticas e sociais, que parecem ser apenas racionais.

Como já dissemos, quando uma pessoa decide em quem votar, quando assume uma posição política, quando escolhe uma profissão ou quando decide se engajar em uma causa, há sempre um conjunto de afetos que convivem com as explicações racionais para essas ações. Normalmente, surge primeiro o afeto e só depois somos capazes de formular explicações racionais para os nossos comportamentos.

Após estudar Freud e Hobbes e ainda outros pensadores im-

portantes, o filósofo brasileiro Vladimir Safatle conclui que as sociedades são circuitos de afetos. Ele chama a sociedade de um **circuito de afetos**, pois entende que estes estão em todos os lugares e em todas as relações entre pessoas, sejam pessoas queridas ou não.

Durante uma palestra, Safatle deu um exemplo importante para ampliarmos nossa percepção de o quanto os afetos estão presentes na política e na sociedade. O exemplo está inserido na crise de refugiados, que faz com que muitas pessoas deixem seus países de origem (forçados pela impossibilidade de continuar vivendo dignamente no lugar onde nasceram) e tentem encontrar melhores condições de vida em lugares com mais oportunidades — em geral, países ricos.

O problema, entretanto, é que a maior parte dos países mais ricos não permite a entrada dos refugiados nem mesmo permite uma estadia temporária. Como estão fugindo de guerras, perseguições políticas ou desastres naturais, os refugiados seguem, mesmo sem autorização, e se submetem a condições precárias de viagem, acarretando a morte de muitos dos que tentam viajar.

Nesse cenário de conflito, que tem de um lado os refugiados e a Organização das Nações Unidas (ONU) e de outro os chefes de Estado de países mais ricos e de-

envolvidos, utiliza-se muito da razão para tentar descobrir uma solução viável, afinal não é possível evitar que pessoas fujam de situações desumanas, ao mesmo tempo que não é possível forçar os países a receberem os refugiados. É preciso respeitar a soberania de cada nação.

No meio desse duelo argumentativo, um acontecimento desequilibrou a situação ao deixar a realidade dos refugiados mais evidente. No dia 02 de setembro de 2015, após o naufrágio de uma embarcação (cujas condições eram semelhantes às de muitas outras embarcações que fazem o mesmo trajeto: superlotada e insegura) que tentava atravessar o Mar Mediterrâneo para chegar à Europa,

muitas pessoas morreram afogadas e tiveram seu corpo arrastado até a praia.

Um dos corpos em questão foi o da criança síria Aylan Kurdi, um menino de apenas três anos. A fotojornalista turca Nilüfer Demir trabalhava no dia e disse ter ficado petrificada com a visão do corpo frágil e sem vida. A única ação possível para ela foi fazer uma foto e transmitir na imagem o drama dos refugiados.

A fotografia, ao mostrar a criança afogada, parecia se opor a todas as imagens que vem à nossa mente quando pensamos na relação entre crianças e praia. No lugar da alegria e das brincadeiras, havia o corpo inerte de uma criança sem direitos.

Nicolas Economou / Shutterstock.com



O drama da luta pela sobrevivência vivido pelos refugiados está registrado em todos os lugares, inclusive das formas mais impactantes.

Apesar de muitas pessoas terem questionado a exposição do corpo do menor, em respeito tanto à família quanto à memória da criança, outros defendem que registros como este têm o poder de sensibilizar as pessoas para causas complexas, como é a questão dos refugiados. Nesta breve entrevista, a fotógrafa relata o impacto afetivo que essa imagem lhe causou.

Muitas pessoas se sentiram afetadas pela foto, tanto que a imagem se tornou símbolo da crise dos refugiados e somou um elemento afetivo aos argumentos que vinham sendo empregados. A comoção ligada à imagem aumentou a pressão para que algumas nações mudassem de postura quanto aos refugiados.

Na Grã-Bretanha, uma petição feita por cidadãos britânicos ao governo para aceitar mais refugiados ultrapassou as 300 mil assinaturas, mais do que o triplo necessário para levar um tema para a discussão no parlamento. Como resultado, a Grã-Bretanha mudou de postura e acolheu mais alguns milhares de refugiados. Além disso, dois dias depois da imagem, o então Primeiro Ministro, David Cameron, afirmou a existência de uma “responsabilidade moral” diante dos refugiados — uma declaração que foi vista como histórica.

A foto demonstra que a questão dos refugiados não envolve

apenas argumentos racionais. Não são apenas pessoas saindo de países pobres e indo para países ricos nem apenas países ricos impedindo imigrantes, com medo de que eles desequilibrem a segurança e a economia que esses países construíram. A situação é afetiva, pois envolve pessoas reais, que sofrem como qualquer pessoa sofreria se não pudesse viver no lugar onde nasceu.

Os argumentos e a racionalidade são essenciais para a vida em sociedade, mas, muitas vezes, como no caso da foto, o afeto é parte integrante da realidade. Por esse motivo, é preciso ter consciência de que os afetos estão presentes em todas as situações sociais e também atentar para os que serão priorizados, já que diferentes afetos orientam distintas relações.

Voltando para a produção jornalística, afirmamos que ela também sofre a interferência dos afetos, seja aqueles que se escondem por trás da frieza dos núme-

ros e estatísticas, nos conteúdos sensacionalistas ou em algumas temáticas privilegiadas.

O medo, por exemplo, é um afeto muito comum nas notícias, tanto que tudo o que provoca medo parece ser bem-vindo ao texto jornalístico. Temas como mortes, assaltos, violência e crimes em geral estão sempre no noticiário. Entre jornalistas e estudiosos, essa importância conferida ao medo é ressaltada na preferência pela negatividade.

É comum dizer que notícia ruim é que é notícia boa, ou seja, as notícias realmente importantes seriam aquelas que trazem problemas, desastres ou tudo aquilo que provoca medo e de que precisamos nos defender. As notícias que trazem informações felizes, alegres ou positivas costumam ser consideradas como menores ou menos importantes. Parece até que os jornais são feitos para as pessoas se tornarem pessimistas ou para viverem com medo dos horrores da humanidade.





Karin Hildebrand Lau / Shutterstock.com

É comum os noticiários televisivos anunciarem primeiro os principais fatos negativos: polêmicas políticas, tragédias, etc. Para o grande público, aparentemente o trabalho jornalístico serve apenas para veicular más notícias.

No jornalismo, a atenção ao medo é importante, em algumas situações, para orientar as pessoas sobre como agir e para explicar os riscos, mas também é negativa quando reforça o individualismo e quando faz com que os outros sejam limitados ao lugar de agressores ou de salvadores. O medo divulgado pode estar contribuindo para reforçar o individualismo e a tentativa constante de autopreservação.

Ao contrário desse comportamento, os jornalismo que aceitam os afetos percebem as pessoas (todas elas) como múltiplas. Você, por exemplo, não é uma pessoa completamente boa nem completamente má. Você, na verdade, é uma pessoa que pode ter um bom comportamento em certo momento e agir de forma errada em outro.

Seus erros não fazem de você um inimigo da humanidade.

Seus defeitos não são as únicas características que importam sobre você, e, certamente, não é possível resumir toda a sua existência em um texto curto e fragmentado como o lide. Assim como sabemos que tudo isso é verdade sobre nós, podemos aprender a olhar os demais com esses mesmos olhos, os olhos dos afetos e da humanidade.

É muito mais simples acreditar que o colega de classe disse algo porque é muito ruim, que o seu irmão ou sua irmã fez alguma coisa com único desejo de lhe fazer mal ou que a pessoa desconhecida na rua foi desagradável simplesmente porque é mal-educada. No entanto, essa perspectiva está muito distante da realidade e da compreensão. Assim como você não se resume a uma das suas atitudes, também não o são os outros. Assim

como você pode passar por um dia ruim e tomar uma má decisão, os outros também podem.

Quando o texto jornalístico passa a tratar os personagens dos seus textos considerando os afetos, isso não significa que os fatos serão ignorados ou que a razão será colocada de lado, mas, sim, que nenhuma pessoa será vista como desprovida de história. As pessoas que cometerem algum crime, por exemplo, não serão rotuladas como unicamente malvadas; os moradores de rua não serão definidos pela sua condição; e as pessoas com deficiência não serão reduzidas ao que não podem fazer.

Assim, ao aceitar que os afetos fazem parte da relação humana com a realidade, faz sentido que os textos jornalísticos assumam uma postura diferente. No lugar de usar as palavras como se fossem recipientes vazios, os novos textos jornalísticos podem alternar entre fazer textos mais diretos, quando estão diante de questões simples e pouco controversas, e fazer textos aprofundados, permitindo conhecer os personagens e perceber os sentidos que as pessoas atribuem à sua vida.

Os novos textos jornalísticos mudam a forma de escrever como reflexo da transformação na forma de ver o mundo. Os textos se abrem para captar e transmitir os afetos, pois percebem que eles são parte da rea-

lidade. Em muitos momentos, não é possível entender o que acontece sem se voltar para o que cada situação significa para as pessoas.

Mencionar os sentimentos e afetos não faz o jornalismo ser menos sério ou menos profissional, faz apenas com que seja mais real. Se a realidade não existe sem o afeto que desperta nas pessoas, da mesma forma o jornalismo não pode existir sem afetos, pois do contrário será sempre uma representação vazia e pouco significativa.

É preciso dividir o espaço das estatísticas, regras e números, que ajudam a resumir a realidade, com o espaço dos afetos e das emoções, que nos fazem sentir a realidade. Pois só essa soma nos fará ficar mais próximos do entendimento real.

O lugar dos afetos no texto jornalístico é, portanto, o lugar da possibilidade de entender o outro e, em contato com o outro, de entender a nós mesmos. Quando nos deixamos afetar pelo drama, pelas alegrias e pelo significado que as outras pessoas atribuem, poderemos compreender os outros e entender, por fim, que somos todos bastante parecidos.

A tarefa que o jornalismo assume, ao considerar os afetos, é a de se afastar dos estereótipos e parar de tentar encaixar pessoas em fórmulas redutoras. Ninguém é apenas bom ou ruim, pobre ou rico, coitado

ou privilegiado, dedicado ou desinteressado. No lugar de colocar rótulos, as novas tendências do jornalismo se abrem para a compreensão.

Compreender, como dissemos desde o princípio, é se abrir para a narrativa do outro, é tratar o outro como importante, é ouvir com atenção e se deixar afetar. Quando compreendemos e nos afastamos do saber limitado — aquele que apenas está ciente —, nós perdemos a ilusão confortável de separar o mundo entre os bons e os maus; em compensação, porém, ganhamos a riqueza da realidade e a virtude de estarmos mais próximos da justiça, além de uma porção de conhecimento sobre nós mesmos.

A compreensão é importante porque, para além de todas as desigualdades sociais que nos separam, podemos perceber que somos todos mais parecidos do que poderíamos imaginar. Não há quem não possa compreender a dor ou a solidão, a alegria ou a injustiça, pois todos nós amamos e sofremos, sentimos dores ou alegrias em algum momento da nossa vida.

Ao entrar em contato com os afetos dos outros, entramos em contato com os nossos próprios e nos aproximamos de um mundo compreensivo, de um mundo de iguais, em substituição a um mundo de competidores. O lugar dos afetos é, por essa razão, o lugar de encontro, de conexão entre todos nós.



A cobertura jornalística do resgate de 12 meninos e um técnico de futebol de uma caverna na Tailândia gerou comoção mundial. Os relatos emocionados das famílias e a espera de todos por um final feliz marcaram as notícias a respeito do caso.



1. “Sem leis e sem Estado, você poderia fazer o que quisesse. Os outros também poderiam fazer com você o que quisessem. Esse é o ‘estado de natureza’ descrito por Thomas Hobbes, que, vivendo durante as guerras civis britânicas (1640-60), aprendeu em primeira mão como esse cenário poderia ser assustador. Sem uma autoridade soberana não pode haver nenhuma segurança, nenhuma paz.”

Fonte: LAW, Stephen. *Guia Ilustrado Zahar: Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

A partir do seu conhecimento sobre as reflexões de Thomas Hobbes e sua relação com os afetos, considere as afirmações que seguem:

- I. Para Hobbes, os afetos e a racionalidade devem estar bem separados para a formação de uma sociedade pacífica. Só regras, leis e a razão podem garantir a paz.
- II. Para Hobbes, a sociedade é baseada em um afeto, o medo. Em outras palavras, as pessoas abririam mão da própria liberdade e se submeteriam a leis para fugir da insegurança e da guerra que existe em um mundo de plena liberdade.
- III. As **ideias** de Hobbes permitem relacionar afetos e razão, como sendo duas formas complementares de lidar com a realidade.

Está(ão) **correta(s)** a(s) alternativa(s):

- a) I e II, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) Todas.

2. (Uema – Adaptada) A incivilidade gourmet

[...] Em entrevista à *Folha de S.Paulo*, o sociólogo espanhol Manuel Castells chegou a tempo de enfiar o dedo nas escancaradas escaras da sociedade brasileira. [...] “A imagem mítica do brasileiro simpático só existe no samba. Na relação entre pessoas, sempre foi violento. A sociedade brasileira não é simpática, é uma sociedade que se mata”.

Continua a matéria, “para os leitores de Sérgio Buarque de Holanda, o sociólogo espanhol apenas redescobre as raízes da sociedade brasileira plantadas nos terraços da escravidão, entre a casa-grande e suas senzalas. [...] Sob a capa do afeto, o cordialismo esconde as crueldades da discriminação e da desigualdade”.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. A incivilidade gourmet. *Carta Capital*, Ano XXI, Nº 854.

A matéria retratada aponta como ilusória a ideia de que o brasileiro teria como afeto característico a cordialidade, sendo, ao contrário, preconceituoso e agressivo. Marque a alternativa que destaca frases que são comuns no Brasil e que refletem os afetos da agressividade e da discriminação.

- a) “Você não pode discutir comigo porque não fez faculdade.” “Quem poderia resolver essa situação?”
- b) “E você, quem é mesmo?” “Espere um momento enquanto verifico o seu processo.”
- c) “A culpa é da Princesa Isabel.” “Este é o número do seu protocolo, agora é só esperar”.
- d) “Eu sou o doutor Fulano de Tal.” “O senhor será o próximo a ser atendido.”
- e) “O senhor sabe com quem está falando?” “Coloque-se no seu lugar.”

3.

No dia 25 de janeiro de 2019, o Brasil passou por um desastre ambiental que fez relembrar o rompimento da barragem de Fundão, na Cidade de Mariana, em Minas Gerais, no ano de 2015. O novo rompimento ocorreu também no Estado de Minas Gerais, mas dessa vez na região de Brumadinho. Em três dias após o rompimento da barragem, mais de 58 corpos já haviam sido encontrados e mais de 300 pessoas permaneciam desaparecidas. Assim como em Mariana, o rompimento fez com que uma grande quantidade de lama se espalhasse e destruísse casas, ruas, pertences e a vida de muitas pessoas. Tanto a barragem de Mariana quanto a de Brumadinho estão relacionadas com a mineradora Vale.

No dia seguinte ao desastre, o fato estampou a capa dos principais jornais do País e também foi destaque em páginas jornalísticas na Internet e em programas telejornalísticos e radiojornalísticos. O destaque se deve à relevância do fato, que tem impactos em vários níveis, como o nível humano, social, ambiental e econômico.

Pensando na relação entre jornalismo e afetos, responda aos itens que seguem.

- a) Indique fatores racionais que conferem importância ao fato.

- b) Identifique fatores afetivos que conferem importância ao fato.

- c) A partir das informações disponibilizadas, formule um texto para noticiar a tragédia, explorando o formato do lide.

- d) Elabore também um texto jornalístico em que os afetos estejam em primeiro plano. Não se esqueça, porém, de destacar as informações fundamentais sobre a ocorrência.

4. “A filosofia do homem que mora em um castelo de areia: ‘Tento não me apegar a nada’.”
María Martin, *El País*, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2018.

Márcio Mizael Matolas nasceu há 44 anos em um bairro paupérrimo do Rio de Janeiro, mas hoje mora num castelo. Construído num dos calçadões com o metro quadrado mais caro da cidade, ele tem vista livre para o Atlântico, vizinhos nobres e uma quadra de vôlei no quintal. O homem usa coroa de rei, e os banhistas param para tirar fotos junto à fortaleza. Seu reinado, porém, é tão efêmero como a areia, mas foi assim que concebeu sua forma de viver: “As pessoas gostam muito de possuir. Eu tento não me apegar a nada”.

O homem, apelidado “Castelinho”, perdeu o pai assassinado antes de nascer e aos oito anos se lançou à rua. Começou vendendo quadrinhos, revistas e livros velhos no bairro do Flamengo, na zona sul da cidade, sem saber ler uma palavra do que oferecia. Foi na praia desse bairro onde lembra ter construído seu primeiro castelo: uma pirâmide. “Depois aprendi a fazer pirâmides incas, maias, astecas... Via os desenhos nas revistas”, relembra quase quatro décadas depois sob a sombra de uma árvore da Praia do Pêpe, na Barra da Tijuca.



fabio fersa/Shutterstock.com

Com cerca de 10 anos, Castelinho já fazia seu dinheiro, ajudava a mãe e era conhecido no bairro. Sempre rodeado de livros, os moradores o ensinaram a ler. Não sabe dizer quantas obras já devorou desde então, mas há uma que não esquece, mesmo porque já a leu quatro vezes. *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, narra o cotidiano de um grupo de meninos sem teto na Bahia e também o dele próprio. “Ele retrata bem a vivência de rua, o sentimento de egoísmo e de solidão”, diz este rei de bermuda.

Com 14 anos, Castelinho acumulava mais de 15 mil livros numa rua do Leblon e nos tempos vagos ia para a praia construir sereias e jacarés que o mar levava antes de qualquer um admirar. Começou também a brincar com origami, a arte japonesa de dobrar papel que um senhor lhe ensinou no hospital quando se recuperava do atropelamento de um ônibus. Fazia borboletas, mas também bonecos complexos.

[...]

Durante a conversa, duas mulheres de chinelo de salto, vestidos de renda compridos e óculos de espelho posam com duas crianças na frente do palácio. Sentam numa cadeira de madeira batizada de “Trono das Estrelas” e lançam as melenas para um lado. “Pode botar a coroa!”, grita Castelinho de longe. As visitantes o ignoram, terminam suas fotos e vão embora sem soltar um centavo. “Antes eu brigava, tentava explicar que isto aqui não nasce sozinho, que preciso carregar areia, água, que preciso manter a estrutura, que as costas doem. Mas há um tempo que resolvi que era um desgaste, e que viva a arte!”.

Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/16/politica/1516133721_582841.html

A partir da leitura do texto e dos seus conhecimentos sobre afetos e jornalismo, responda às questões que seguem.

a) No texto, identifique informações sobre o personagem, como nome, idade e ocupação.

b) O que a narrativa revela sobre a visão de que moradores de rua são pessoas sem instrução?

c) O que a narrativa revela sobre a forma como as pessoas, normalmente, tratam moradores de rua?

d) Na sua opinião, o que uma conversa com uma pessoa como o personagem dessa narrativa poderia oferecer?

e) O que torna a história válida para o jornalismo já que não traz dados ou estatísticas?

5. Algumas histórias interessam ao jornalismo porque ajudam a descrever e a informar sobre a vida prática, outras porque são capazes de atingir o interesse humano das pessoas. É possível, por exemplo, que um tema vire notícias por ser emocionante, triste, inusitado, surpreendente ou dramático.

Entre o interesse pela vida prática e o interesse por histórias emocionantes, há um caminho do meio. Existem narrativas sobre acontecimentos práticos que não podem ser bem compreendidas se for ignorada a dose de emoção que elas envolvem.

Sobre o destaque para os afetos ou a preferência pelo texto rápido e genérico do lide, julgue os itens que seguem:

- I.** Muitas vezes os afetos são elementos constituintes da forma como lidamos com a realidade; nessas situações, o jornalismo não pode ignorar os afetos.
- II.** Os afetos são uma parte importante da realidade, por isso todos os textos que não tratam dos afetos devem ser desconsiderados, a exemplo de todos os textos que utilizam a estrutura do lide.
- III.** A importância dos afetos permite que algumas temáticas que antes não eram consideradas importantes passem a ser consideradas como tal.

Está(ão) correto(s) o(s) item(ns):

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) I, apenas.
- e) III, apenas.

O fim e o recomeço

NicoElNino/Shutterstock.com

Somos todos muito diferentes. Se você olhar à sua volta, neste momento, não encontrará alguém exatamente igual a você. Temos rosto, altura, cabelos e voz diferentes. Isso já é muito, mas não para por aí. Conhecendo alguém, poderemos perceber ainda mais diferenças. Temos também distintos comportamentos, gostos e formas de nos relacionar com o mundo. O que é muito importante para um pode passar despercebido para outros.

Ao longo da vida, cultivamos todas essas diferenças, que se acentuam se compararmos pessoas de estados diferentes e aumentam ainda mais se considerarmos diferentes países ou continentes. Mas, dentro de um mesmo estado, numa mesma cidade, numa mesma rua e até numa mesma casa,

há diferenças entre as pessoas.

Mesmo diante de todas essas distinções, algumas verdades podem ser mencionadas. Todos nós nascemos e morremos e, no período que há entre um acontecimento e outro, acertamos e erramos várias vezes, amamos e sofremos, encontramos pessoas parecidas e pessoas que parecem opostas. Todos descobrem e desenvolvem talentos que pensavam não ter e em certo ponto descobrem que não possuem alguns talentos que apreciam.

Durante a vida, todas as pessoas sentem fome ou sede em algum momento. Todas adoecem, experimentam o calor ou o frio, encantam-se com a beleza ou se assustam com um barulho, e cada uma dessas experiências é dotada de significado. Todas as pessoas, sem exceção, relacionam-se com

o mundo e com as outras pessoas por meio de afetos. E, por esse motivo, os afetos podem ser pontes entre nós. Permitem um caminho para nossas particularidades e, da mesma forma, permitem um encontro entre o que nos mantém semelhantes.

Para acessar os afetos dos outros ou, melhor dizendo, para se deixar afetar pelo que o outro experimenta, é preciso compreender. É preciso usar as próprias experiências como ponto de partida e somar esse conhecimento aos relatos sobre o que o outro experimentou.

As palavras, quando não tentam ser recipientes vazios, podem ser caminhos para os afetos, pois carregam sentidos diversos, não só os dos significados fixos, mas também os sentidos que relacionam as palavras ao uso específico. A maneira de falar também carrega diferenças. Se uma mensagem sobre a vida está em um poema ou em obituário, sentiremos cada palavra com um peso e uma verdade diferentes.

Ao longo deste livro, debruçamo-nos sobre a maneira de falar do jornalismo. Descobrimos que, em busca de identidade e de eficiência, o jornalismo rompeu com a literatura e tentou desenvolver um modo de falar que fosse só dele. Essa tentativa foi bem-sucedida, e hoje reconhecemos no lide um tipo de texto que logo nos faz pensar no jornalismo.

Com o passar do tempo e a modificação das formas de compreender a realidade, jornalistas e estudiosos do jornalismo foram percebendo que a maneira de falar contida no lide era eficiente para transmitir textos rápidos e informações simples, mas que não conseguia transmitir bem contextos complexos, situações em disputa ou afetos.

Quando a lógica positivista deixa de ser a única existente, e com ela também é reduzida a crença de que só importava aquilo que era preciso e observado através de métodos fixos, o jornalismo começou uma jornada de volta, ao encontro da literatura e de temas mais afetivos.

No caminho de volta, o lide não é abando-

nado, mas fica claro que uma realidade afetiva e múltipla não pode ser encaixada numa forma preestabelecida. Para melhor representar a realidade, o jornalismo passa a utilizar não só o lide, mas outras formas textuais e também outros temas.

Passam a ser utilizadas denominações como *jornalismo literário*, *jornalismo de autor*, *literatura de realidade* e ainda *jornalismo em profundidade*. Em todas elas, existe uma mudança na forma de enxergar o mundo e as pessoas.

Deixam de ser do interesse do jornalismo apenas os assuntos que estão nos gabinetes ou os temas que envolvem pessoas famosas. Passam a ser assunto, a vida das pessoas comuns, os seus sofrimentos e felicidades.

Se pensarmos um pouco, veremos que essa estratégia faz sentido. Afinal, a maior parte da sociedade não é formada por pessoas notórias ou por circunstâncias que cabem em gráficos. No nosso cotidiano, o que mais encontramos são pessoas como nós, simples, desconhecidas e que são mais impactadas por uma virose que se espalhou pelo bairro do que pela bolsa de valores ou pela balança comercial do país.

O caminho de volta do jornalismo é o caminho que dedica atenção aos homens e às mulheres comuns, aqueles com os quais compartilhamos diferenças e semelhanças. A fim de falar para todas as pessoas comuns, o jornalismo não pode deixar de atentar para os afetos, ou seja, não pode deixar de utilizar as palavras como recipiente transbordante, que permite compreender o mundo, os outros e a si mesmo.

Neste fim — que é, na verdade, um recomeço —, saímos conscientes da possibilidade de usar a palavra como ponte, na perspectiva de compartilhar nossas experiências e de ouvir a dos outros. Por mais que nada supere a experiência vivida, podemos nos dispor a compreender. Compreender como quem segura um pedaço da realidade entre as mãos. Compreender como quem vê no outro um pouco de si.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

ARRUDA Jr., Gerson Francisco de. *10 lições sobre Wittgenstein*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2002.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 1ª ed., 2015.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

VENTURA, Mauro de Souza; ABIB, Tayane Aidar. A notícia como desconhecimento: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum. *Revista Comunicação Midiática*, v. 10, n. 3, p. p. 135-150, 2016.